

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**A influência dos traços de personalidade na escolha de
estratégias de *coping* em adolescentes.**

Simon Santana Diniz

Goiânia
Março 2009

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**A influência dos traços de personalidade na escolha de
estratégias de *coping* em adolescentes.**

Simon Santana Diniz

Dissertação apresentada no curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da prof^a. Dr^a. Daniela Sacramento Zanini.

Goiânia

Março 2009

Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniela Sacramento Zanini
Universidade Católica de Goiás – UCG
Presidente da banca

Profa. Dra. Helenides Mendonça
Universidade Católica de Goiás – UCG
Membro efetivo

Prof. Dr. Cláudio Simon Hutz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Membro efetivo

Profa. Dr. Luc M. A. Vandenberghe
Universidade Católica de Goiás – UCG
Membro suplente

Goiânia

Março 2009

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

Aos meus amados pais, Osório (*in memoriam*) e Maria Helena; por terem sido o solo forte onde me construí. Seus ensinamentos, valores morais, ética, dignidade e honestidade são o maior legado que pude receber na vida. Todas as minhas conquistas são frutos do que aprendi com eles.

À Cláudia, minha futura esposa; pela paciência, companheirismo e apoio incondicional. Obrigado por acreditar tanto!

À prof^a. Daniela Zanini por me ajudar a conhecer os meus próprios recursos de *coping* e construir tantos mais.

Aos professores Helenides Mendonça, Luc Vandenberghe e Cláudio Hutz, por suas valiosíssimas contribuições.

Aos jovens alunos que participaram desta pesquisa, aos professores da Escola Municipal Silene de Andrade por toda a ajuda, assim como à prof^a. Silvana (Secretaria Municipal de Educação) pela presteza que possibilitou a execução desta pesquisa.

Aos meus queridos amigos Wanderley Jr, Ivana, Simone, Eliete e Bruna pelos momentos de alegria e tristeza que experimentamos juntos. Foi realmente muito bom estar com vocês.

Aos queridos amigos do GEPOTS (Ana Tereza, Andréia, Kamyla, Daniella, Ivone).

DEDICATÓRIA

À minha mãe, cujos sacrifícios tornaram
possível a concretização deste sonho.

Oh Captain! My Captain! Our fearful trip is done;
The ship has weather'd every rack, the prize we sought is won;
The port is near, the bells I hear, the people all exulting (...).

Walt Whitman

RESUMO

O estudo aqui apresentado tem por objetivo demonstrar a correlação existente entre traços de personalidade e a escolha de estratégias de enfrentamento a situações estressantes em adolescentes. Para este fim, foi realizada revisão teórica envolvendo aspectos da adolescência, personalidade (utilizando o Modelo dos Cinco Grandes Fatores) e *coping*, seguido de estudo empírico. A pesquisa para obtenção dos dados utilizou dois instrumentos – *Coping Response Inventory - Y* (Moos, 1993) que avalia a apreciação do problema mais importante vivenciado nos últimos doze meses assim como as formas de enfrentamento a este problema, e a Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes et al, em construção) que faz o levantamento dos traços de personalidade.

Os resultados demonstraram que para o adolescente goiano o uso de estratégias de enfrentamento a problemas é significativamente influenciada pela apreciação que faz acerca do problema e que determinados traços de personalidade relacionam-se com estratégias de coping.

LISTA DE TABELAS

Tabela1: Comparação de medias entre perfil psicológico e respostas de *coping*..... 48

Tabela 2: Representação da análise do perfil psicológico e estratégias de *coping* em relação à idade..... 49

Tabela 3: Correlação entre apreciação do problema, perfil psicológico e respostas de *coping*..... 51

SUMÁRIO

Resumo.....	vii
Lista de Tabelas.....	viii
Sumário.....	9
Introdução.....	10
Capítulo 1 – Personalidade e <i>Coping</i> na Adolescência - uma revisão teórica	
1.1 Adolescência.....	20
1.2 Personalidade.....	20
1.2.1 A teoria dos Cinco Grandes Fatores ou <i>Big Five</i>	25
1.3 <i>Coping</i>	29
Capítulo 2 – A influência dos traços de personalidade no uso de estratégias de <i>coping</i> por adolescentes	
Resumo.....	35
Abstract.....	36
Método.....	44
Participantes.....	44
Instrumentos.....	44
Procedimento.....	46
Resultados.....	47
Discussão.....	57
Referências.....	63
Anexos.....	69

INTRODUÇÃO

Crianças e adolescentes têm ao seu dispor, atualmente, inúmeras ferramentas que favorecem o desenvolvimento intelectual. São notórias as diferenças de rapidez de raciocínio, nível de inteligência e capacidade de resposta observadas nos jovens de hoje, comparando-os com seus pares de 10 anos atrás¹. Esta evolução, entretanto, não se faz acompanhar por outro aspecto relevante do desenvolvimento geral, que é a construção de um repertório de respostas alternativas aplicadas às diferentes situações, que por sua vez, pode ser o ponto de apoio de um jovem que se encontra sob a pressão de uma determinada condição adversa.

Apesar de muito se conhecer sobre as fases do desenvolvimento normal e existirem muitos estudos sobre patologias orgânicas que acometem esta faixa etária, ainda são escassos e controvertidos os estudos sobre os transtornos de conduta, a vivência de eventos estressantes, a psicopatologia, o estresse e o comportamento desviante em populações de adolescentes e crianças no Brasil. Uma pesquisa bibliográfica na base de dados Scielo revela bem estas carências da literatura científica, denunciando que existe ainda um campo extraordinariamente vasto para pesquisas.

Raimundo (2006), por exemplo, cita que as investigações sobre estresse foram realizadas primeiramente em populações de adultos e apenas recentemente foi reconhecido que crianças e adolescentes também experimentam tais situações. Para Dell'Aglio (2003), a forma como crianças e adolescentes lidam com a adversidade deve ser estudada levando em conta aspectos como contexto social, características do sujeito e do ambiente dentre outros, pois, eles utilizam suas habilidades de maneira distinta do adulto e são muito influenciados por fatores como sexo, idade, cultura e etnia.

¹ Dados obtidos em atendimento clínico pelo autor, assim como por observações e revisões da psicologia como as relacionadas com o estabelecimento de novos baremos para os testes de inteligência como WISC III.

O que os jovens consideram problema? Que tipo de experiência é estressante para eles? De que maneira são afetados e como solucionam seus impasses em situações de agravo?

Estudos sobre qualidade de vida e saúde (Straub, 2005; Coates, 1997; Bianculli, 1997; Aggleton, 2001) demonstram que grande número de adolescentes tem pouca preocupação com fatores que predispõem a uma vida adulta permeada por problemas físicos e psicológicos. Straub (2005) cita que existe uma tendência a acreditar que tais problemas não os afetarão e mesmo que isto aconteça, será num futuro muito distante. Isto corrobora a prática de hábitos pouco saudáveis no cotidiano, inclusive na busca de alívio para o estresse. A chamada fase da onipotência, na qual os adolescentes exibem constantemente um comportamento de recusa em acatar normas e regras, e muitas vezes admite as atitudes nocivas que pratica, não raramente deixa marcas físicas e psíquicas (Tiba, 1986). Recentemente, grande número de artigos de divulgação têm sido publicados em periódicos nacionais e internacionais, referindo-se ao aumento de métodos de diversão arriscados, como por exemplo, o *bullying* e a brincadeira do desmaio² (que consiste em asfixiar-se até obter efeitos semelhantes àqueles provocados pelas drogas psicoativas, sem entretanto causar dependência), comportamentos estes que colocam em risco a vida de quem os pratica.

Williams (2002) relata que é na adolescência que muitos costumes saudáveis podem ter início para se consolidar no futuro, entretanto, é também na adolescência que muitos comportamentos de risco à saúde são observados. A prevenção a eles deve ter início então nesta fase do desenvolvimento, através de políticas adequadas que facilitem o engajamento.

Dados do Unicef (1999)³ mostram que existem mais de 57 milhões de jovens entre 0 e 17 anos no Brasil. Entre as adolescentes de 15 a 17 anos, mais de 4%

² Revista Veja, edição 2069, ano 41, nº 28, pág. 89. Editora Abril, 16 de julho de 2008.

³ UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, disponível em <http://www.unicef.org/brazil>.

tiveram filhos. Em 1998 foram registrados 105.735 óbitos de jovens entre 0 e 17 anos, sendo que 10,5% por doenças infecto-parasitárias, 11,9% por afecções mal definidas e 14,1% por causas externas. Entre os jovens de 10 a 17 anos, registrou-se 9.348 óbitos, sendo que 4% foram por suicídio e 36,1% por homicídio. Ainda nesta população foram citados 856 casos de AIDS. Silber e Souza (1998) citam que entre estudantes do ensino fundamental, 80,5% já experimentaram substâncias alcoólicas pelo menos uma vez na vida e que 18,6% fazem uso freqüente deste. O fumo foi experimentado por 28% dos jovens pelo menos uma vez e 5,3% fazem uso constante. Drogas ilícitas como a maconha foram experimentadas ao menos uma vez por 3,4% desta população sendo que 0,5% faz uso freqüente.

Estes dados confirmam a importância e necessidade de se conhecer mais profundamente as questões que o próprio adolescente considera como causadoras de desconforto psíquico e emocional. Desta forma, as estratégias terapêuticas e políticas de saúde voltadas à população jovem poderiam conter recursos que falassem diretamente ao adolescente, na sua própria linguagem e contexto, além de atender suas necessidades. Fica evidente que os parâmetros de comparação para adultos e adolescentes, no que se refere a prejuízos à saúde, são muito distintos. O adulto tem a seu favor a experiência (ou seja, o conhecimento adquirido a partir da experimentação de uma determinada situação) e muitas vezes, convive com as conseqüências de seus hábitos insalubres, entretanto, pode existir certa dificuldade em transmitir de maneira efetiva este conhecimento ao jovem, que busca a construção de sua própria identidade (Coates, 1997). Além disso, o jovem é muito mais influenciado pelas experiências dos pares do que dos adultos, fato que pode favorecer o surgimento de comportamentos inadequados por questões de modismo (Williams, 2002). Isto reforça a necessidade de ampliar a compreensão acerca daquilo que o adolescente pensa e sente, para tornar mais eficaz este diálogo.

A análise das informações sobre o manejo de fatores de estresse, apoiada no perfil psicológico dos jovens estudados, auxiliará de maneira inestimável a

compreensão da formulação das estratégias mencionadas. Para este intento, foi feita uma breve revisão teórica dos conceitos que envolvem o desenvolvimento esperado da criança até a adolescência, dos construtos atuais acerca dos traços de personalidade além dos conceitos concernentes ao *coping*. Esta revisão teórica compõe o primeiro capítulo deste estudo. O segundo capítulo refere-se ao estudo empírico, apresentado sob forma de artigo de acordo com as normas da revista Estudos de Psicologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, à qual será submetido posteriormente para publicação.

Pretende-se com esse estudo auxiliar a busca de informação sobre essa fase importante do desenvolvimento humano, sobre tudo o que tange aos aspectos relacionados às vivências sociais e suas conseqüências na saúde e processos de adaptação dos adolescentes.

CAPÍTULO 1

PERSONALIDADE E *COPING* NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO TEÓRICA.

Neste primeiro capítulo serão revistos os conceitos relativos ao desenvolvimento normal do período da infância até a adolescência (incluindo aspectos fisiológicos e psicológicos), as apreciações sobre o construto da personalidade e sobre as estratégias de *coping*⁴.

1.1 Adolescência

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº. 8.069 de 13 de julho de 1990) estabeleceu que “considera-se criança (...) a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (pág. 7).

Em termos práticos não são adotados critérios tão precisos para delinear este período, pois, cada indivíduo o experimenta de forma particular, em função de aspectos biológicos, culturais e ambientais envolvidos na transição para a fase adulta (Sprinthall, 2003). Para alguns, esta fase pode extrapolar em muito os 18 anos de idade e não raro, para outros, a puberdade - período na vida humana em que o desenvolvimento do sistema hipotálamo-hipófise-gonadal atinge a maturidade plena, o que leva à capacidade de reprodução, desenvolvimento de características sexuais secundárias e outras alterações observadas no desenvolvimento do adolescente - pode ocorrer precocemente, antecipando todo o processo.

A partir daí, uma complexa cascata de eventos biológicos tem início, promovendo grandes alterações físicas. A mais pronunciada delas refere-se à altura e nesta fase ocorre o estirão (Mussen, 1977) quando se tem a impressão de que a criança cresceu rápido demais, mas ainda permanece com mentalidade infantil.

⁴ *Coping* é o nome dado ao conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para administrar uma situação estressante e às suas conseqüências diretas.

Após o estirão, o adolescente continua a fase de crescimento, porém num ritmo menos acelerado, até atingir sua altura final como adulto. Ao mesmo tempo, ocorre o crescimento das extremidades dos membros. As mãos e pés crescem até a forma final mais cedo que o restante do corpo, o que favorece a impressão de desproporcionalidade tão peculiar ao adolescente. A cabeça e rosto adquirem conformação mais angulosa. As fibras musculares também sofrem mudanças em número e tamanho. Este aumento é facilmente identificado nos meninos, que começam a esboçar musculatura mais densa. Em contrapartida, as meninas - que desde o nascimento possuem um pouco mais de tecido gorduroso - passam a apresentar as formas arredondadas da mulher, fato que, muitas vezes, não é tão apreciado quanto a musculatura dos meninos (Assumpção Jr., 2003) e podem se constituir em futuras fontes de estresse.

Como foi citado anteriormente, a maturação sexual tem seu desfecho na puberdade. Os caracteres sexuais primários e secundários modificam-se e desenvolvem-se em uma seqüência definida de eventos. O menino, que até então apresentava os genitais de criança, começa a perceber o aumento do tamanho do escroto e testículos. A pele do escroto torna-se avermelhada e com textura diferente. O pênis começa a se desenvolver, embora mais lentamente que a bolsa escrotal. Quando testículos e escroto atingem a conformação adulta, o pênis ainda se desenvolve um pouco, até o amadurecimento final das glândulas. Ocorre também a distribuição de pêlos no corpo e mudanças na voz.

Para a menina, as primeiras modificações observadas estão no crescimento dos seios e surgimento de pêlos pubianos. O estágio seguinte se destaca por ocasião da menarca (primeira menstruação), que geralmente ocorre dois anos após o início visível da puberdade. A menarca não é indicativo absoluto de fertilidade, pois, em alguns casos, até a regularização dos ciclos menstruais é comum a não produção de óvulos (Guyton, 2002)

Paralelamente ao desenvolvimento físico ocorre o desenvolvimento cognitivo, e isto se percebe quando o sujeito amplia suas habilidades de raciocínio concreto para o abstrato (Mussen, 1977; Nurmi, 1993). O adolescente começa a pensar em termos de possibilidades e de futuro, não se restringindo apenas às experiências imediatas do aqui e agora. Este é o caminho para o surgimento da lógica dedutiva, que envolve questões do tipo “se” e “então”, que por sua vez exigem avaliação e previsão. O próximo passo deste continuum é a consolidação da formação moral (Bee, 1997).

Para Piaget (1977), o julgamento moral da criança é construído de forma semelhante ao processo de aprendizagem. A aprendizagem ocorre por meio do equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, o que gera a adaptação. Segundo ele, o indivíduo assimila as informações do ambiente e uma vez que tenha uma estrutura mental provida de alguns conceitos e experiências, precisa adaptar essas informações à estrutura mental já existente. Os dados são adaptados e assim ocorre a acomodação.

Este esquema propõe que todo conhecimento que chega do exterior sofre alguma alteração por parte do sujeito, ou seja, tudo o que é aprendido é influenciado por aquilo que já havia sido registrado na mente. Já nos primeiros meses de vida a criança vivencia regras que são impostas pelos pais. Por volta dos 5 – 6 anos, as normas são seguidas por imposição e a consciência das regras ainda é superficial. A partir dos 10 anos surge certa flexibilidade em relação ao cumprimento e ao estabelecimento de novas regras sendo que a noção de consequência da desobediência está bastante clara (Piaget, 1977).

Lawrence Kohlberg seguiu a linha de estudos de Piaget e foi o pesquisador que criou uma das teorias de maior impacto sobre avaliação do raciocínio moral (Bee, 1997). Segundo Kohlberg, existem três níveis de raciocínio moral e cada um deles é subdividido em dois estágios.

O primeiro nível é o da moralidade pré-convencional. Neste, o primeiro estágio é aquele em que se tem a orientação para a obediência e a punição (a criança sabe o

que é certo ou errado com base nas punições que recebe) e o segundo estágio é o do individualismo, propósito instrumental e troca (a criança segue regras quando existe um interesse seu em jogo, é a troca da obediência pela gratificação).

O segundo nível é o da moralidade convencional. Nele, aparece o terceiro estágio, das expectativas interpessoais mútuas, relações e conformismo (o grupo familiar se torna importante para a criança e atender as expectativas deste gera reconhecimento, respeito, gratidão e manutenção das relações mútuas). O quarto estágio envolve o sistema social e a consciência (o foco abrange não apenas a família e grupos próximos, mas a sociedade como um todo. É bom quando todos podem seguir a regras).

Finalmente, o terceiro nível, da moralidade com princípios ou pós-convencional. Neste, existe o quinto estágio, que se refere ao contrato social e direitos individuais (o adolescente sabe que os valores morais existem para assegurar a ordem social, mas podem ser adaptados à situações diferentes onde isto se faz necessário para o bem comum) e o sexto estágio, que engloba princípios éticos universais (o indivíduo já maduro elabora seus próprios princípios éticos baseados nas leis e regras que levam em conta a justiça e o respeito pelas pessoas. As adaptações são realizadas com muito critério e análise) (Bee, 1997).

A estruturação dos valores éticos e morais acompanha o jovem ainda por alguns anos, até a fase adulta (Pfromm Netto, 1976). Concomitantemente, o auto-conceito e a auto-estima também se desenvolvem, sendo que, alguns estudos demonstram que no início da adolescência podem ocorrer flutuações destes parâmetros em função das oscilações entre aceitação e rejeição de si mesmos e por parte do grupo de pares. Estas tendem a se normalizar conferindo geralmente ao jovem elevada auto-estima (Sprinthall, 2003). Nesta fase, os indivíduos já possuem capacidade para referirem-se a si mesmo em termos mais abstratos e abrangentes, ao contrário dos empregados na infância. Os papéis sociais começam a ser

desempenhados com mais autonomia e os posicionamentos político, religioso e ideológico já se fazem presentes (Bee, 1997).

Esta melhor capacidade de expressão e busca por independência propiciam mudanças relacionais que não afligem apenas ao jovem. Coates (1997) cita que “os pais, além de reavaliar, analisar a sua própria adolescência e repensar sobre os pais que tiveram, enfrentam nova crise, própria do seu ciclo vital ” (Coates, 1997, p. 40). Não é incomum o desejo parental de que os filhos correspondam exatamente às suas expectativas, pois em sua concepção, abdicaram de liberdade, planos e objetivos na intenção de proporcionar as melhores condições possíveis para seu desenvolvimento. Pesquisas citam que, para os pais, este período é mais estressante do que para os próprios jovens (Bee, 1997), embora momentos de crise não possuam apenas aspectos negativos. É importante ter sempre presente que o crescimento individual é fruto deste período, quando o jovem almeja também ser protagonista do processo familiar e não apenas coadjuvante, como fora até então. Não obstante as desavenças existam e um relativo distanciamento se estabeleça, o apego à família ainda existe e esta continua a ser considerada fonte de carinho, atenção e proteção (Aggleton, 2001).

O afastamento do ambiente familiar ocorre também em virtude de outro fator importante. É a busca por grupos de pares, com os quais o indivíduo se identifica e que proporciona bom exercício de socialização e amadurecimento, pois, nele podem ocorrer as frustrações e decepções, assim como a gratificação (Coates, 1997). Neste período, as amizades passam a ter maior importância na vida do jovem que começa a estabelecer outros vínculos afetivos, a princípio com pessoas do mesmo sexo (os grupos de meninas ou meninos, onde a confiança e a lealdade são figuras imprescindíveis) e posteriormente, com o sexo oposto, quando têm início as relações mais íntimas (Sprinthall, 2003)

Nesta etapa do desenvolvimento as principais mudanças fisiológicas estão concluídas e o equilíbrio orgânico é estabelecido. O jovem busca estruturar-se

enquanto entidade única, com opiniões, sentimentos e experiências próprios e para tanto utiliza modelos que sirvam de referência (Bee, 1997). Este empreendimento não exclui a rede social mais próxima, mas acrescenta a ela um novo universo de onde o adolescente adota algumas atitudes e comportamentos que refletem a si mesmo (Tiba, 1986). São estes parâmetros que solidificados serão traduzidos nas características particulares, ou seja, nos traços que constituirão sua maneira única e pessoal de se comportar e se posicionar na vida, ou seja, sua personalidade.

Períodos de transição e crescimento pessoal são acompanhados, normalmente, por conflitos internos, com pares ou familiares além dos ambientes escolar e social. Tais demandas são esperadas nesta fase assim como sua resolução no decorrer do tempo, quando a maturidade passa a reger a conduta do jovem. Entretanto, não são raros os desvios do caminho normalmente percorrido pelo indivíduo, fato que favorece a instalação e manutenção de patologias de todas as ordens, assim como também não são raros os casos em que os distúrbios são provocados por terceiros, embora as conseqüências sejam absorvidas pelo jovem.

Ozella (2008) relata uma pesquisa onde foram coletados dados importantes sobre a opinião dos jovens acerca da própria adolescência e seus problemas. Dentre estes se destacam aspectos como o que diz respeito à reprodução das concepções instituídas socialmente. A amostra pesquisada acredita que o período é próprio de crises e embates, que a transição da adolescência para a vida adulta incorre em acréscimo de responsabilidades e deveres com perda de parte dos momentos de prazer, e que a liberdade e independência são resultado de trabalho árduo. O fator rebeldia foi citado como característica presente, porém relacionado ao jovem usuário de drogas que não assume responsabilidades. Os jovens do sexo masculino demonstraram atribuir grande valor aos grupos de pares, sendo que para as adolescentes os aspectos afetivos é que pontuaram mais alto. As relações familiares também demonstraram seguir o roteiro determinado socialmente. Os conflitos existem, entretanto os jovens compreendem a necessidade da imposição de limites por parte

dos pais e a consideram como cuidado. Sobre a questão da violência, os jovens pesquisados avaliam que a sociedade é violenta e que este fato pode levar o adolescente a se comportar desta maneira. No que concerne às perspectivas de futuro, a pesquisa revelou que os jovens acreditam que será um tempo melhor e promissor, que depende diretamente de suas escolhas acertadas, pois para eles, as decisões são definitivas e por isso, opções erradas levam ao fracasso (Ozella, 2008).

Outro estudo que acrescenta informações sobre a opinião do jovem é o de Rodrigues (2008). Este trás como conteúdo principal o tema morte. Rodrigues (2008) constatou que para a amostra estudada o fator morte é mais amedrontador quando se refere a pessoas queridas e menos quando se trata da sua própria. Outra situação preocupante para eles é a dependência de terceiros causada por acidentes. Nesta pesquisa, os jovens demonstraram não ter medo de morrer e é forte a crença de que tal episódio não pode ocorrer a eles. Segundo Rodrigues, “os sentimentos de imortalidade e onipotência são expressos claramente “ (Rodrigues, 2008, p. 130).

Balaguer (2005) investigando a situação da violência cita, dentre outras, formas de violência exercidas contra o jovem, como a ocorrida nas famílias, pelas agressões, omissões e abandonos, por pais que foram educados dessa mesma maneira. Avanci (2005) expõe a necessidade de se criar escalas que auxiliem categorizar a violência psicológica contra adolescentes. Relata como exemplo disso a humilhação, falta de interesse, atribuição de culpa indevida, críticas, falta de encorajamento, indiferença e imposição de obrigações excessivas. A conclusão do estudo demonstrou que a falta de apoio afetivo e emocional, falta de informação, de interação positiva e a baixa auto-estima são fatores que predisõem ao aumento de violência.

Schoen-Ferreira (2002) traçou o perfil sociodemográfico do adolescente encaminhado ao departamento de pediatria da Escola Paulista de Medicina e concluiu que os comportamentos de risco despertam maiores preocupações do que as queixas com relação à saúde física. Reppold (2008), entretanto, relata o fato de pais e

professores delegarem pouca importância aos “sintomas que se manifestam de forma privada, por meio de idéias catastróficas e ansiogências, crenças irracionais, desesperança ou somatizações” (Reppold, 2008, p.85).

A gravidez na adolescência é outra questão importante que deve ser abordada. Moreira (2008) elaborou um estudo com grávidas com a finalidade de conhecer melhor os conflitos que afligem as jovens mães, uma vez que além de experimentarem as mudanças orgânicas próprias da idade, terão que experimentar também aquelas peculiares ao período gestacional. Moreira (2008) relata que a vida sexual do adolescente tem iniciado cada vez mais cedo, impulsionada pelas influências sociais. Além disso, a desinformação dos pais ou mesmo o constrangimento relativo ao assunto faz com que falhem no papel de orientadores. Os principais resultados encontrados neste estudo referem-se ao fato de que a adolescente, ao se perceber grávida, teme não encontrar apoio nos pais, familiares e companheiro, além dos agravantes do aspecto financeiro e social.

Ainda sobre os problemas que acometem a adolescência, o tema suicídio também merece atenção. Marcondes Filho (2002) demonstra que as tentativas de suicídio são mais executadas pelo sexo feminino, ao passo que o ato consumado é mais observado no sexo masculino, com uso de métodos violentos como armas de fogo ou enforcamento. A maioria dos casos de tentativas de suicídio ocorreu na faixa etária de 16 a 19 anos, principalmente entre os jovens de etnia branca. Os motivos associados às tentativas compreendem presença de eventos estressores, abuso de álcool e drogas, depressão do adolescente ou de parentes próximos, antecedentes pessoais e familiares de tentativas de suicídio, perdas pessoais, dificuldades de relacionamento, histórias de violência física, verbal e sexual, sentimentos de isolamento, desesperança e baixa auto-estima que culminam na ideação suicida.

Os temas abordados neste tópico representam uma parte significativa dos problemas que geralmente surgem durante a adolescência, mas não encerram

definitivamente toda a gama de situações adversas às quais os jovens podem estar sujeitos. Várias outras circunstâncias existem onde se deparam com impasses que por vezes extrapolam sua capacidade de compreensão e de resolução, ainda assim sendo impelidos a assumirem um estilo de vida e de comportamento onde a vivência é fator essencial para o desenvolvimento de comportamento bem adaptado e manutenção da saúde. Como a vivência é o aspecto principal que lhes falta, contam então com os recursos inatos (personalidade) e com os desenvolvidos (*coping*).

1.2 Personalidade

O termo personalidade (que deriva do grego *persona* = máscara) agrega inúmeros significados que são, em maior ou menor grau, influenciados pelo aspecto particular que se pretende focalizar da pessoa como entidade dotada de propriedades individuais (Cabral, 2006).

Os conceitos de personalidade derivam de várias escolas de pensamento cujas doutrinas divergem entre si. Com bases teóricas e epistemológicas bastante diferenciadas, porém, um aspecto é consenso entre todas: a personalidade é tudo aquilo que distingue um indivíduo dos demais, ou seja, é o conjunto de características psicológicas que determina a unicidade pessoal e social dos indivíduos. Este conjunto é construído gradualmente a partir de itens herdados geneticamente, informações extraídas do ambiente e experiências cotidianas internalizadas e exerce grande influência sobre o *modus vivendi* do sujeito (Friedman, 2004).

Os primórdios das pesquisas sobre os diversos tipos de personalidade datam do início do século XX, embora Aristóteles, Platão e outros filósofos do século V a.C. já refletissem sobre temas como aprendizagem, memória, motivação, percepção, atividade onírica e comportamento anormal (Schultz, 1981).

O estudo de teorias da personalidade recebeu grande impulso com as publicações de Sigmund Freud a partir de 1900. Segundo a teoria psicanalítica, a personalidade tem como fatores propulsores os instintos - de vida, que remete à autopreservação e de morte, que é uma força destrutiva. Estes por sua vez, agregam aspectos conscientes e inconscientes (Id, Ego e Superego), que formam o arcabouço da estrutura psíquica. Associadas a estes aspectos, tem-se ainda as experiências gratificantes ou traumáticas experimentadas durante o desenvolvimento infantil (nas fases oral, anal, fálico e genital, passando pelo complexo de Édipo) que completam a estrutura psíquica que se manifestará na personalidade (Freud, 1939).

Vários outros autores devem ser citados por suas contribuições ao estudo das diferenças individuais que permeiam a personalidade, agregando conhecimento à ciência mesmo que sob enfoques distintos. Dentre eles, Carl G. Jung - para quem a personalidade (ao que ele chamou *psique*) é formada por vários sistemas distintos, porém, integrados. Estes sistemas são constituídos pelo ego, o inconsciente pessoal e seus complexos, o inconsciente coletivo e os arquétipos (anima, animus e a sombra), as atitudes (introversão e extroversão), as funções do pensamento, do sentimento, da sensação e da intuição e por fim o self, considerado o centro da personalidade (Fadiman, 1976); Alfred Adler - que postulava que o comportamento humano era determinado por forças sociais e que o indivíduo estava conscientemente envolvido no processo de formação de sua personalidade e Karen Horney - que concebia a construção da personalidade sob a influência do que ela denominou “ansiedade básica”; esta, gerada pelo sentimento de desamparo da criança em relação ao mundo (Hall, 2000).

Henry Murray (1938) pesquisou a personalidade em sujeitos normais, contemplando os estudos longitudinais. Adepto ao sistema freudiano, delegou mais funções psíquicas ao id, ego e superego, sendo que este último continuaria se desenvolvendo no decorrer da vida (Hall, 2000).

A motivação também tem grande destaque na teoria de Murray. Baseando-se em princípios fisiológicos, acreditava que as necessidades envolvem uma força química no cérebro que organiza o funcionamento intelectual e perceptivo. Tais forças elevariam os níveis de tensão no interior do organismo que somente seriam reduzidos pela satisfação das necessidades. Assim, as necessidades atuariam o comportamento, orientando-o de forma a trazer a satisfação e a redução da tensão. A pesquisa de Murray identificou vinte necessidades principais, dentre elas a realização, a afiliação, a agressão, a autonomia e o domínio. A classificação das necessidades foi base para a formulação do Teste de Apercepção Temática -Thematic Apperception Test-TAT (Schultz, 1981).

Friedman (2004) demonstra que a partir dos anos de 1930, a moderna teoria da personalidade começou a se configurar, embora suas raízes estejam nos primórdios da história humana.

Kurt Lewin (1975), criador da teoria de campo, dedicou-se à investigação da motivação humana. Para ele, as atividades psicológicas da pessoa ocorrem em um campo psicológico, ao qual chamou espaço vital que está inserido no campo total, que compreende todos os eventos passados, presentes e futuros que possam influenciar uma pessoa. Do ponto de vista psicológico, cada um desses eventos pode determinar o comportamento numa dada situação. Quando é quebrado o equilíbrio existente entre o indivíduo e o ambiente onde está inserido, surge um estado de tensão que gera a motivação de buscar recursos estabilizadores. Desta forma o comportamento é influenciado pela circunstância e muda com o passar do tempo (Lewin, 1975)

Hutz (1998) lembra que na década de 1930, McDougall sugeria analisar a personalidade a partir de cinco fatores independentes que, na época, foram denominados intelecto, caráter, temperamento, disposição, e humor. Menciona ainda que, nessa mesma época na Alemanha, também foram realizados estudos sobre

análise da linguagem com a finalidade de examinar os termos utilizados para descrever traços de personalidade em alemão.

Cattell (1975), citando a pesquisa de Allport e Odbert, menciona que estes encontraram mais de 3.000 palavras designativas de traços de personalidade. O trabalho destes pesquisadores foi muito influente no estudo da personalidade a partir da década de 1940, inclusive nas investigações do próprio Cattell que mantinha postura muito crítica em relação às definições de traço que não tivessem uma base teórica analisada estatisticamente (Cattell, 1975).

Gordon Allport (1937) utilizou-se do ambiente clínico para estruturar o estudo sobre a personalidade, levando-o posteriormente para a universidade. Após um encontro seu com Freud, concluiu “que a psicanálise se concentrava em demasia no inconsciente, negligenciando os motivos conscientes” (Schultz, 1981, pág.377). Para ele, a personalidade é “a organização dinâmica dos sistemas psicofísicos dentro do indivíduo, que determinam sua adaptação pessoal ao respectivo ambiente” (Friedman, 2004, pág.269).

Em sua teoria, Allport (1973) sustenta que uma pessoa comporta-se de maneiras diferentes em situações diferentes, em função dos seus traços de personalidade e esta variação de comportamento não implica em desajuste, mas antes, são variantes adaptativas de um mesmo traço característico.

Hans Eysenck, psicólogo britânico que desenvolveu um modelo divergente de Allport (1973) ao agregar o sistema biológico aos traços de personalidade, faz distinção também entre os termos Tipo -grupo de traços correlacionados e Traço - grupo de atos correlacionados do comportamento ou tendência para a ação (Hall, 2000).

A teoria de Eysenck (1959) referenciada por Friedman (2004) postula que o comportamento humano é resultado da interação de suas tendências biológicas pessoais aliadas às forças ambientais a que está exposto. Assim, a personalidade seria expressa sob a forma de um dentre três tipos distintos: o neuroticismo (cujos

traços são ansioso, deprimido, sentimento de culpa, baixa auto-estima, tenso, irracional, tímido, melancólico e emotivo), a extroversão (cujos traços são sociável, animado, ativo, assertivo, busca sensações, despreocupado, dominante, cordial e aventureiro) e psicoticismo (cujos traços são agressivo, frio, egocêntrico, impessoal, impulsivo, anti-social, não-empático, obstinado). Os demais traços derivam destes três sistemas (Friedman, 2004).

A participação do sistema nervoso no temperamento, conforme enunciado por Eysenck diz respeito ao grau de excitação cerebral (Martins, 2004). Para Eysenck, se um indivíduo é introvertido provavelmente seu cérebro está submetido a alto grau de excitação, o que o leva a buscar ambientes e situações pouco estimulantes. Inversamente, o indivíduo extrovertido possui baixa estimulação cerebral, por isto busca sempre ambientes e situações estimulantes (Hall, 2000).

1.2.1 O modelo dos Cinco Grandes Fatores ou *Big Five*

O modelo dos Cinco Grandes Fatores (*Big Five*) é resultado de “amplas análises sobre os adjetivos usados para descrever a personalidade, e igualmente de análises fatoriais de vários testes e instrumentos de medida” (Friedman & Schustack, 2004, p. 275). Para Friedman e Schustack (2004) a elaboração de um modelo que englobasse a maioria das abordagens de traços comuns da personalidade apresentando-os através de cinco dimensões foi um dos maiores avanços nos estudos deste campo.

Lazarus (1984) referindo-se à pesquisa de Allport cita que este enfatizou a idéia de que “os traços são propriedades integrantes da pessoa e não meramente parte da imaginação daquele que observa (...); não são entidades independentes na pessoa, mas antes um conjunto interdependente de atributos que se combinam para produzir efeitos comportamentais” (Lazarus, 1984, p.114).

Hutz (1998) comenta que “o modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) é uma versão moderna da Teoria de Traço que representa um avanço conceitual e empírico no campo da personalidade, descrevendo dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável” (Hutz, 1998, p.396). Explica que os fatores não são demonstrados apenas por instrumentos elaborados especialmente para esse fim, mas que os principais questionários de avaliação desenvolvidos, como o “16-PF, o MMPI, a escala de Necessidades de Murray, o California Q-Set, quando submetidos a análises fatoriais” demonstram respostas semelhantes ao modelo dos Cinco Grandes Fatores (Hutz, 1998, p.396). O autor ainda menciona que “embora haja consenso com relação à solução de cinco fatores, ainda persistem divergências com relação à denominação dos fatores (...)” (Hutz, 1998, p.396). A denominação dos fatores não representa um problema de grande porte, mas o conteúdo das dimensões sim. Este deve ser consensual à todas teorias para que haja consistência na avaliação e correlação das respostas.

Em seu trabalho com os adjetivos da personalidade, Allport (1973) concluiu que a imensa lista encontrada deveria ser reduzida, extraindo-se aqueles itens que eram claramente sinônimos. Cattell (1975) agrupou, classificou e submeteu a lista de Allport a uma análise fatorial que eliminou informações pleonásticas, sendo possível assim a categorização de aspectos do comportamento em termos adjetivos não-sinonímicos (Friedman, 2004).

O modelo dos Cinco Grandes Fatores não foi desenvolvido a partir de uma teoria, mas ao contrário, de uma abordagem indutiva, na qual a teoria emerge da pesquisa. A base desta pesquisa remete ao estudo léxico, onde se buscou conhecer as dimensões que as pessoas utilizam ao referirem-se aos outros e a si mesmas. Segundo Goldberg (1981), a pesquisa demonstrou que pessoas comuns descrevem a personalidade em cinco fatores. A partir do estudo da linguagem natural, utilizada para

descrever pessoas, foram extraídos os fatores que podem ser resumidos da seguinte forma:

1. Extroversão/Introversão: sujeitos extrovertidos tendem a ser ativos, entusiasmados, dominantes, sociáveis e eloqüentes. Os introvertidos, tímidos, retraídos, submissos e quietos.
2. Nível de socialização: tendência a ser socialmente agradável, caloroso, afetuoso, cooperativo, confiável. Sujeitos com baixo nível de socialização tendem a demonstrar hostilidade, indiferença aos outros, egoísmo e inveja.
3. Escrupulosidade ou conscienciosidade: sujeitos com estes traços demonstram responsabilidade, honestidade, organização. No outro extremo, sujeitos impulsivos evidenciam negligência, irresponsabilidade, descuido. Alguns estudos têm mostrado que este fator se correlaciona com desempenho acadêmico, organizando e dirigindo o comportamento, o que levou alguns autores a denominá-lo vontade ou desejo de realização (Hutz, 1988).
4. Neuroticismo/estabilidade emocional: sujeitos neuróticos tendem a ser nervosos, muito sensíveis, tensos e preocupados. Os emocionalmente estáveis são calmos, contentes e tranquilos.
5. Intelecto ou abertura ou cultura: diz respeito à percepção que a pessoa (ou os outros) tem de sua própria inteligência ou capacidade. Engloba características como flexibilidade de pensamento, fantasia e imaginação, abertura para novas experiências e interesses culturais. Baixa identificação com esta dimensão é própria de sujeitos superficiais, comuns e simples (Friedman, 2004).

Conhecer as características da personalidade de crianças e adolescentes é de crucial importância, pois tais fatores podem auxiliar a prever seu comportamento, conhecer sua percepção de mundo e seu *modus vivendi*. Leeuwen (2004) atenta para essa postura ressaltando que o Modelo dos Cinco Grandes Fatores utilizado para este fim é de extrema valia, permitindo padronizar as definições utilizadas e resultados

encontrados nas investigações, o que favorece o diálogo entre pesquisadores. Menciona ainda que o modelo proporciona fidelidade nas pesquisas longitudinais, utilizadas para conhecer as variações do perfil psicológico durante o desenvolvimento e a necessidade real destes estudos serem desenvolvidos e continuados, pois ainda não existe consenso firmado a respeito da persistência ou não do comportamento observado através dos traços na infância e adolescência (Leeuwen, 2004).

Tani (2003) também faz referência a esta situação de permanência dos traços de forma estável até a maioridade e concorda que o Modelo dos Cinco Grandes Fatores é bastante útil na continuidade do estudo iniciado na infância.

Connor-Smith (2007) acredita que os traços de personalidade recebem muita influência das respostas de *coping* e que estas acabam sendo incorporadas ao repertório das características pessoais. Além disso, refere que os traços podem predispor o jovem a maior ou menor grau de sofrimento psíquico conforme a necessidade de empregar determinadas estratégias de enfrentamento.

Reconhecer as características que sobressaem em cada idade e em cada sexo pode ajudar a prever alterações de comportamento associadas a condutas que envolvem risco à saúde, distinguindo-as daquelas próprias do período em que o jovem se encontra. Leeuwen (2004) relata estudo onde, em determinadas situações, o sexo feminino mostrou-se mais resiliente que o masculino. Além disso, estes sujeitos mais resilientes (ou seja, menos afetados pelas situações adversas) demonstraram ser mais extrovertidos, mais abertos a experiências, mais empáticos, mais conscienciosos e menos neuróticos. Da mesma forma, os jovens mais susceptíveis ao estresse, demonstram ser mais tímidos, mais neuróticos, menos inseridos socialmente, menos conscientes e empáticos. (Leeuwen, 2004). As características encontradas nas pessoas mais resilientes são mencionadas também como próprias das pessoas que, sob situação de estresse, buscam alternativas mais saudáveis para lidar com as

mesmas. Este é o ponto de congruência entre traços de personalidade e respostas de *coping*.

1.3 *Coping*

O conceito de *coping* refere-se à forma pela qual um indivíduo lida com situações desfavoráveis. *Coping* traduz as estratégias de enfrentamento a problemas que pessoas utilizam para administrar situações estressantes que se apresentam cotidianamente (Compas, 2001).

Lazarus e Folkman (1984) mencionam as duas linhas de pesquisa principais de onde foram extraídos conceitos de *coping*. A primeira é a psicologia animal, que define *coping* como aquelas ações que tentam controlar as condições adversas do ambiente prevenindo o surgimento de transtornos psicofisiológicos. A segunda, a psicologia psicanalítica do ego, sustenta que “*coping* é definido como pensamentos e ações realistas, que solucionam problemas reduzindo assim o estresse” (Lazarus, 1984, p.118).

Antoniazzi, Dell’Aglio e Bandeira (1998) em revisão teórica, relembram sobre os primeiros estudos onde

desde o início do século, pesquisadores vinculados à psicologia do ego têm concebido *coping*, enquanto correlato aos mecanismos de defesa, motivado interna e inconscientemente (...)” e que “eventos externos e ambientais, posteriormente incluídos como possíveis desencadeadores dos processos de *coping* foram, a exemplo dos mecanismos de defesa, categorizados hierarquicamente no sentido dos mais imaturos aos mais sofisticados e adaptativos (...)” (Antoniazzi, Dell’Aglio & Bandeira, 1998, p.274).

A partir da década de 1960, foram modificados os conceitos primários que conectavam *coping* e mecanismos de defesa, introduzindo uma nova postura mais flexível, voltada para aspectos cognitivos mais elaborados aliados à adaptação situacional. Esta abordagem de *coping* já contava com a influência da teoria dos traços de personalidade.

Uma terceira geração de pesquisadores se interessou mais diretamente pelas influências da personalidade na elaboração das estratégias de enfrentamento. Segundo esta abordagem, a variação de situações a que o indivíduo é exposto continuamente, não é suficiente para explicar toda a variação de estratégias utilizadas, ou melhor, ainda, a constância no uso de determinadas estratégias em diferentes contextos (Antoniazzi, Dell'Aglio & Bandeira, 1998).

Existem ainda outros aspectos do *coping* que devem ser abordados destacadamente. O primeiro deles refere que as estratégias de *coping* dizem respeito a ações, comportamentos e pensamentos utilizados para enfrentar um evento estressor e estes recursos envolvem quatro conceitos: 1º o *coping* é um processo que ocorre entre indivíduo e ambiente, 2º a função do *coping* é administrar a situação estressora, 3º o processo de *coping* pressupõe que o indivíduo percebeu, interpretou e representou cognitivamente a situação e 4º o processo de *coping* constitui-se uma mobilização de esforços cognitivos e comportamentais para administrar o evento adverso (Compas, 2001).

O segundo aspecto importante diz respeito ao foco. Lazarus e Folkman (1991), representantes da visão cognitivista de *coping*, propõem uma categorização das diferentes estratégias de *coping* observando-se o foco, ou seja, *coping* focado na emoção (definido como um esforço para regular e aliviar o estado afetivo associado ao estresse ou resultante deste) e *coping* focado no problema (definido como esforço para agir contra o estresse em si a fim de modificá-lo) (Lisboa, 2002).

A importância desta classificação e análise do *coping* segundo o foco tem grande relação com o tipo de estresse experimentado e o momento de vida. Assim, cada

estratégia pode promover resultados satisfatórios quando utilizados em conformidade com as necessidades da ocasião, embora isto não implique dizer que as conseqüências destas respostas são sempre positivas. Uma estratégia pode diminuir a tensão do momento e isto é eficaz para alívio imediato, porém, pode não ser saudável ou adaptativo se esta mesma pessoa estiver frequentemente ansiosa e utilizar sempre esta mesma resposta. Compas (1987) afirma que a eficácia é caracterizada por flexibilidade e mudança. Novas demandas requerem novas formas de *coping*, pois uma estratégia não é eficaz para todos os tipos de estresse.

O terceiro aspecto relevante refere-se aos estilos de *coping*, que compreendem as formas habituais como o indivíduo lida com problemas e que geralmente influenciam suas atitudes a cada nova ocorrência. Os estilos de *coping* refletem uma tendência a responder de uma forma particular quando em confronto com situações similares. Dentre os modelos destacam-se os relacionados com personalidade tipo A e tipo B, monitorador e desatento, repressor e sensível, primário e secundário, passivo e ativo, aproximação e evitação, direto e indireto, pró-social e anti-social (Antoniazzi, Dell'Aglio & Bandeira, 1998)

Por fim e não menos importante, a hipótese de que as estratégias de *coping* sofrem influência de aspectos moderadores e mediadores no processo de administração do estresse (Antoniazzi, Dell'Aglio & Bandeira, 1998). Neste caso em específico, os aspectos moderadores de uma situação de conflito seriam representados pela própria pessoa (por exemplo, pela forma de encarar momentos difíceis) e pela situação em si (algo que a pessoa tenha certeza que possa ser resolvido). Os aspectos mediadores são representados pela avaliação que o indivíduo faz acerca do problema e pela atenção a ele dispensada no intuito de resolvê-lo, ou seja, frente a um evento o sujeito analisa a situação, avalia suas opções e coloca em prática aquelas que julga melhores, atingindo assim seu objetivo de amenizar as conseqüências do estresse ou mesmo, eliminando o fator causador.

Uma característica importante do *coping* é sua ligação com o desenvolvimento

cognitivo. Estudos parecem indicar que quanto mais jovem o sujeito, menores são os recursos que ele terá a sua disposição para elaborar estratégias de *coping*. Dell’Aglío (2002) faz menção à uma pesquisa com crianças, meninas e meninos entre sete e quinze anos, onde foram descritas 15 categorias de estratégias utilizadas pelas mesmas: atividades agressivas, comportamento de evitação, comportamento de distração, evitação cognitiva, distração cognitiva, solução cognitiva de problemas, reestruturação cognitiva, expressão emocional, resistência, busca de informação, atividades de isolamento, atividades de autocontrole, busca de suporte social, busca de suporte espiritual, e modificação do estressor. Cita ainda que alguns autores incluem a inação no repertório de estratégias.

Segundo a autora as crianças apresentam uma tendência maior a utilizar habilidades de *coping* focado no problema, pois, ainda não têm consciência nem controle de seus próprios estados emocionais. Por outro lado, os adolescentes tendem a utilizar mais *coping* focado na emoção e os estilos de *coping* adotados modificam-se durante a adolescência (Dell’Aglío, 2002). Lisboa e col. (2002) assumem postura distinta da anterior, inferindo que crianças utilizam mais estratégias de *coping* focadas na emoção, pois na maioria das vezes não possuem ainda recursos cognitivos eficientes para modificar os estressores.

Existe sobre este assunto grande controvérsia, pois, o entendimento dos autores sobre o significado do comportamento de crianças e adolescentes diverge bastante. As estratégias podem ser analisadas a partir de vertentes distintas (Ingledeu, 1998). A agressão física, por exemplo, pode ser entendida tanto como uma estratégia focada no problema - a criança estaria eliminando a fonte de estresse ao revidar uma agressão recebida- quanto focada na emoção – a criança estaria aliviando a tensão e a energia geradas na situação.

Compas (2001) refere-se muito claramente a esta imprecisão que permeia as definições teóricas acerca do *coping* e cita este como um dos principais fatores que dificultam as correlações dos dados obtidos nas diversas pesquisas. Assim sendo, o

estudo das estratégias de *coping* em crianças e adolescentes deve utilizar de uma metodologia apropriada para esta faixa etária assim como um marco conceitual próprio, haja vista as características diferenciais do enfrentamento a problemas entre crianças, adolescentes e adultos. Além disso, a investigação sobre os pontos em comum existentes entre as fases do desenvolvimento e entre culturas diferentes seria também de grande valia para o estabelecimento de critérios universais. Na primeira proposta, ter-se-ia a possibilidade de averiguar quais estratégias utilizadas por crianças conservam-se presentes até a maturidade e velhice e se elas estão de alguma forma, vinculadas aos traços de personalidade, sendo por isso, tão duradouras. Neste caso, seria possível categorizar as estratégias situacionais e as permanentes. A segunda proposta permitiria conhecer aqueles comportamentos de administração do estresse que não sofrem influência cultural ou racial, ou seja, seriam estratégias utilizadas por qualquer indivíduo, de qualquer cultura, qualquer raça, que se encontre em uma situação de estresse específica. Tais estudos facilitariam a permuta de informações obtidas nos programas desenvolvidos para a melhoria de condições de vida e saúde que foram bem sucedidos e que podem ser utilizados por crianças e adolescentes onde quer que estejam.

O jovem defronta-se freqüentemente com situações novas e desconhecidas, demanda que exige constante atualização dos recursos de *coping* que, geralmente, são aprendidos pela experiência prévia com eventos adversos, pela observação dos pais, das experiências alheias e ainda por solicitação da rede social (Zanini, 2003). Wadsworth (2005) afirma que o jovem sofre ainda a influência de situações extenuantes que acometem diretamente seus progenitores e das conseqüências destas sobre eles, como por exemplo, angústia, depressão, ansiedade e baixa auto-estima. Para o autor, a baixa resiliência dos pais é um fator potencialmente estressante para os filhos.

A literatura existente sobre estratégias de *coping* na infância e adolescência, apesar de contar com pesquisas atuais, necessita ser ampliada, validada e analisada

sob a óptica de culturas diferentes. Além disso, devem ser privilegiados os estudos longitudinais que fornecerão dados consistentes sobre as modificações decorrentes do processo normal de crescimento. Pesquisas atuais importam a teorização realizada para a população adulta (Zanini, 2003) o que, por vezes, revela-se inconsistente com a população jovem. Atentando a este sentido, o estudo do manejo e administração de eventos adversos faz-se mister, objetivando especialmente concretizar sua relação com a saúde e qualidade de vida de crianças e adolescentes.

Neste sentido, o capítulo 2 do presente trabalho apresenta um estudo empírico cujo objetivo é demonstrar cientificamente todos os processos aplicados na pesquisa, resultados e discussão, formatado de acordo as normas da revista Estudos de Psicologia vinculada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (em Natal), periódico ao qual será submetido para publicação. Para tanto, a introdução contará com breve discussão sobre as variáveis *coping* e personalidade, propostas no capítulo I e em seguida, será apresentado o método utilizado no estudo, a descrição de participantes, procedimentos e instrumentos aplicados, assim como os resultados obtidos a partir da pesquisa empírica e as discussões possibilitadas pelos dados obtidos à luz da literatura pesquisada.

CAPÍTULO 2
ARTIGO EMPÍRICO

**A INFLUÊNCIA DOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE NO USO DE ESTRATÉGIAS
DE *COPING* POR ADOLESCENTES**

RESUMO

O objetivo deste estudo é demonstrar a influência de traços de personalidade no uso de estratégias de *coping* em populações de adolescentes. Participaram desta pesquisa 102 jovens com idade entre 11 e 15 anos, utilizando o *Coping Response Inventory* (Moos, 1993) e a Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes et al.; versão preliminar). Os dados obtidos demonstraram que meninas utilizam mais as estratégias de *coping* do que meninos, os adolescentes mais jovens utilizam mais *coping* de evitação e os mais velhos, o *coping* de aproximação. A correlação obtida entre as variáveis demonstrou que a apreciação do problema exerce influência significativa na escolha de estratégias.

Palavras-chave: *Estratégias de enfrentamento*; Personalidade; Cinco Grandes Fatores; Adolescência.

THE INFLUENCE OF THE PERSONALITY TRAITS IN THE USE OF COPING STRATEGIES BY ADOLESCENTS

ABSTRACT

The aim of this study is demonstrate the influence of personality traits over coping strategies in adolescents. In this way, a study with 102 pupils from a municipal school in Goiânia (GO) aged from 11 to 15 years old was carried out. Two different instruments were used to do the study, Coping Response Inventory (Moos, 1993) and the “Bateria Fatorial de Personalidade” (Nunes et al., preliminary version). Data showed that girls use more coping strategies than boys, the youngest adolescents use more avoidance coping responses and the oldest use more approach coping responses. The correlation obtained among the variables demonstrated that the appreciation of the problem exercises significant influence in the choice of strategies.

Key words: Coping; Personality; Big-Five; Adolescence.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre o desenvolvimento humano tem ampliado seu foco no decorrer dos últimos anos. Atualmente não é mais possível investigar aspectos da infância e adolescência sem abordar temas como *bullying*, violência, abuso sexual, negligência de cuidadores, estresse, dentre outros. De maneira especial, pesquisas sobre enfrentamento a problemas em crianças e adolescentes têm solidificado sua importância, especialmente quando é possível observar como alguns jovens reagem mantendo a saúde mental após experimentarem eventos traumáticos como situações de agressão, tortura, vida em cativeiro ou sobrevivência em condições subumanas. Os recursos utilizados por estes indivíduos, conhecidos como estratégias de *coping*, vêm sendo estudados nas mais diversas culturas, demonstrando que existe ampla variedade de comportamentos atenuadores de estresse utilizados no confronto a situações adversas, assim como aspectos que diferem dentro de uma mesma cultura, influenciados pela idade, sexo, fatores sociais, ambientais e econômicos.

O reconhecimento de que os períodos da infância e da adolescência são também permeados por questões psicossociais, que predisõem os jovens ao desenvolvimento de psicopatologias (Marcelli, 2007), impulsionou diversas pesquisas na área. Algumas delas buscam conhecer, além das estratégias de *coping*, quais outros fatores poderiam exercer influência direta na utilização destes recursos.

O presente artigo avalia a relação existente entre a escolha das estratégias de *coping* e os traços de personalidade, com base em uma amostra de jovens estudantes entre 11 e 15 anos, de uma escola municipal de tempo integral.

COPING

Os estudos sobre *coping* tiveram sua origem nas pesquisas sobre estresse. Tornaram-se mais sistematizados a partir de 1984, quando Richard Lazarus e Susan

Folkman elaboraram uma das definições mais aceitas e utilizadas até os dias de hoje, na qual *coping* é definido como “pensamentos e ações realistas, que solucionam problemas reduzindo assim o estresse” (Lazarus & Folkman, 1984, p.118). De acordo com estes autores, o processo de *coping* envolve quatro conceitos básicos: 1º) o *coping* é um processo que ocorre entre indivíduo e ambiente, 2º) a função do *coping* é administrar a situação estressora, 3º) o processo de *coping* pressupõe que o indivíduo percebeu, interpretou e representou cognitivamente a situação e 4º) o processo de *coping* constitui-se uma mobilização de esforços cognitivos e comportamentais para administrar o evento adverso (Compas, 2001), ou seja, para que ocorra a elaboração das estratégias de enfrentamento, o indivíduo deve sentir-se motivado a fazê-lo, deve refletir sobre o evento estressante, avaliar suas opções e por fim, levar à prática a solução percebida como mais apropriada para o momento.

A teoria de Lazarus e Folkman (1984) propõe que um dado evento pode, ao ser analisado, apreciado como irrelevante, benigno ou estressante. No caso de se considerar este último, a situação pode ser percebida pelo indivíduo como uma ameaça, um prejuízo ou um desafio. Este processo é chamado avaliação primária. A partir dela, o indivíduo tende a buscar formas de administrar o evento, considerando o que pode ser feito sobre a situação, qual é o custo emocional envolvido e quais são os resultados esperados deste processo. Esta é a avaliação secundária. O comportamento e as atitudes procedentes desta reflexão são as estratégias de *coping*, que segundo Lazarus e Folkman (1984) podem ser focadas no problema ou na emoção. No primeiro caso, os esforços do sujeito são dirigidos no sentido de minimizar as conseqüências emocionais presentes, resultantes da experiência com o evento estressante. No segundo caso, os esforços são dirigidos para o problema em si, na tentativa de manejar ou reduzir o fator estressor.

As estratégias de *coping*, por sua natureza, devem ser distintas de outras respostas ao estresse. Existe um consenso entre as diversas teorias de que tais respostas podem ser voluntárias ou involuntárias. As primeiras relacionam-se ao

coping, as outras podem associar-se à reatividade ou às manifestações fisiológicas.

Não raramente se percebem também as ambigüidades conceituais acerca de *coping*, resiliência e competência. Conceitualmente, *coping* refere-se ao processo de administração de um evento adverso, competência refere-se às características e recursos necessários para uma adaptação bem sucedida após a solução do mesmo e a resiliência reflete-se nos resultados efetivos da atuação do *coping* e da competência, colocados em ação, em resposta ao evento ocorrido (Compas, 2001).

A forma pela qual crianças e adolescentes lidam com situações adversas é de extrema importância para a manutenção de sua saúde física e psíquica (Raimundo, 2006). A possibilidade de processos terapêuticos basearem-se no aprimoramento das respostas de *coping*, favorecendo a administração do estresse, confirma a necessidade de se conhecer a multiplicidade de respostas utilizadas pelos mesmos. Compas (2001) afirma que os estudos sobre *coping* em crianças estão muito defasados, pois se acreditava que o *locus* das tensões era o adulto. Se crianças não experimentavam situações de estresse, uma pesquisa nesta área não se justificava. Outra razão deriva desta. Quando foi demonstrado que os jovens também sofrem por estresse, não havia parâmetros para medir as respostas ou estratégias de enfrentamento, pois todas as teorias foram embasadas em dados obtidos com adultos.

A compreensão do *coping* em crianças e adolescentes envolve diversas facetas. Pesquisas têm demonstrado que fatores como sexo e idade exercem grande influência na escolha das estratégias. Eschenbeck (2007) demonstra que meninos e meninas utilizam formas distintas de *coping* para administrar as mesmas situações de agravo. Boo (2007) menciona que crianças mais velhas tendem a buscar solução de problemas mais do que evitam pensar sobre eles.

Kochenderfer-Ladd e Skinner (2002) defendem que estratégias de *coping* em crianças podem exercer dupla função. Uma mesma situação pode ser experimentada por duas crianças que utilizarão as mesmas estratégias de *coping*; uma delas terá sucesso em minimizar os efeitos estressantes da situação, enquanto a outra poderá

ter esses efeitos exacerbados. O contexto social manifesta expectativas distintas para cada sexo. Uma resposta que pode ser bem aceita para uma menina, como manifestar suas emoções chorando, por exemplo, pode ser encarada como sinal de fraqueza para um menino.

Dell'Aglio (2002) afirma que crianças mais jovens tendem a exibir mais respostas de *coping* focadas no problema, por não possuírem ainda controle sobre seus estados emocionais. Ainda segundo a autora, os adolescentes tendem a utilizar mais estratégias de *coping* focadas na emoção, pois contam com recursos emocionais mais estruturados que lhes permitem certo domínio de suas manifestações. Lisboa e col. (2002), entretanto, sustentam uma postura distinta da anterior, acreditando que crianças utilizam mais estratégias de *coping* focadas na emoção, pois na maioria das vezes não possuem ainda recursos cognitivos eficientes para modificar os eventos estressores.

Personalidade

Define-se personalidade como o conjunto de características psicológicas que determinam a unicidade de um sujeito, social e individualmente (Hall, 2000). O termo (que deriva do grego *persona* = máscara) agrega inúmeros significados que são, em maior ou menor grau, influenciados pelo aspecto particular que se pretende focalizar da pessoa.

Uma das formas de estudo da personalidade refere-se à teoria dos traços, que tem em Gordon Allport (1973) um de seus maiores representantes. Allport (1973) trabalhou com adjetivos que denotavam características pessoais, agrupando-os em classes de sinônimos e eliminando informações redundantes. Desta forma, categorizou aspectos do comportamento em termos adjetivos que retratavam variantes adaptativas de um mesmo traço.

A teoria dos traços foi submetida a análises estatísticas por Cattell (1975) que os agrupou em fatores, avaliados pelo teste 16 P.F. Questionnaire (Cattell, Saunders & Stice, 1950). Eysenck (1959) por sua vez, desenvolveu um modelo teórico no qual incorporou a influência do sistema biológico aos traços de personalidade. Esta seria expressa, então, sob a forma de 3 grupos distintos: o neuroticismo, a extroversão e o psicoticismo.

Para Hutz (1998) “o modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) é uma versão moderna da Teoria de Traço”(Hutz, 1998, p.396). A utilização de cinco fatores não se deve a nenhuma justificativa cientificamente comprovada, mas antes ao emprego de termos que possam expressar características pessoais, reconhecidos universalmente. Saucier (2003) e Goldberg (1981) afirmam que em diversas culturas, as informações que caracterizam uma pessoa são comumente expressas através de cinco conjuntos de fatores. A análise destes fatores remete ao estudo léxico, no qual se buscou conhecer os adjetivos que as pessoas utilizam ao referirem-se aos outros e a si mesmas.

Lima (2000) apresenta a questão da dimensão da teoria do *Big Five* (ou Cinco Grandes Fatores), indagando se esta seria apenas uma taxonomia de traços ou se trata-se de uma nova teoria da personalidade. Para a autora, a ausência de uma teoria científica que sustente os conceitos apresentados acarreta em certa dificuldade de ampla aceitação e utilização dos pressupostos teóricos. Saucier (2002), entretanto, afirma que o modelo é culturalmente abrangente, replicável em grupos distintos e concentra todos os traços de personalidade avaliados nos principais inventários, porém concorda que lhe falta maior respaldo teórico.

Lynam e colaboradores (2005) demonstraram a validade do modelo em estudos longitudinais em uma pesquisa sobre a manutenção dos traços que surgem na infância e adolescência. Através de um estudo realizado com jovens que apresentavam comportamento anti-social na infância e adolescência, verificou-se que os traços de personalidade pertinentes ao comportamento permaneceram até a fase

adulta. Wood e Roberts (2006) também apresentaram dados que confirmam a solidez do modelo, enfatizando o fator idade. Segundo os autores, no decorrer do processo de desenvolvimento alguns traços são mais observados do que outros. Citam, por exemplo, que a abertura para novas experiências aparece mais em adolescentes do que em adultos; traços relacionados à conscienciosidade estão mais presentes em adultos que estão iniciando a carreira profissional ou sua própria família. Holgado-Tello e colaboradores (2009) encontraram, em estudo realizado com crianças e adolescentes, que a conscienciosidade está também mais presente em adolescentes mais velhos.

Joshanloo e Nosratabadi (2009) utilizaram o modelo do *Big Five* para pesquisar a correlação existente entre os traços de personalidade e níveis de saúde mental. Entre seus resultados, descobriram que os traços exercem grande influência no quadro de saúde mental. Conscienciosidade foi mais pontuado por indivíduos saudáveis do que por adoecidos, socialização foi mais pontuada pelos sujeitos moderadamente saudáveis do que por adoecidos e baixa extroversão também foi mais pontuada pelos mesmos sujeitos, comparando-se aos indivíduos saudáveis. Van Der Aa e colaboradores (2008) também utilizando o modelo do *Big Five*, demonstraram que adolescentes com baixos níveis de socialização, extroversão e abertura tendem a utilizar demasiadamente recursos da internet. Esta busca de interlocução via rede torna as relações menos afetivas e mais superficiais, levando o adolescente a desenvolver sintomas depressivos e de baixa auto-estima.

As pesquisas sobre traços de personalidade justificam sua importância. De Young (2007) demonstra que existem, dentro do construto do Big Five, aspectos que necessitam ser apurados esmeradamente. Exemplo disso são os domínios, subdomínios e facetas e suas implicações conceituais. Segundo o autor, domínios (por exemplo; extroversão) são grupos que englobam uma grande variedade de traços semelhantes e que se encontram no topo da hierarquia estrutural. Um subdomínio (ou

segundo nível) deste grupo seria representado por características como entusiasmo e assertividade e compondo este plano estariam as facetas (por exemplo; amabilidade, ternura, agregação, emoções positivas, dentre outras). Um aspecto importante destacado pelo autor refere-se ao fato de que os domínios podem compreender concepções diferentes. Extroversão pode ser confundida com impulsividade, todavia impulsividade reflete extroversão com baixo nível de consciência (De Young, 2007).

Outro exemplo de necessidade de pesquisas refere-se aos fatores atuantes sobre a personalidade. Connor-Smith (2007) avalia a influência exercida mutuamente entre personalidade e *coping*, citando que os efeitos diretos desta podem começar cedo na infância. Para a autora, as estratégias de enfrentamento são tão amplamente utilizadas que no decorrer da vida passam a fazer parte das características pessoais. Além disso, os traços de personalidade podem predispor o sujeito a maior ou menor grau de sofrimento psíquico quando houver a necessidade de utilizar determinadas estratégias de enfrentamento.

Com base no exposto, o presente estudo propõe-se a investigar a influência dos traços de personalidade, do *locus* de controle e da apreciação do problema sobre a escolha das estratégias de *coping* por adolescentes com idade entre 11 e 15 anos, estabelecendo o perfil psicológico dos participantes do estudo, bem como relacionando a escolha de tais estratégias às variáveis sexo e idade.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 102 alunos dos ensinos fundamental e médio de uma escola municipal de tempo integral com idade entre 11 e 15 anos ($M=12,80$; $D.P. = 0,98$). Os alunos pertencem a camadas de nível sócio-econômico baixo, médio-baixo e médio (que foram definidos com base na faixa salarial dos pais), sendo de maioria étnica branca (auto informe) e categorizados como 59% do sexo masculino e 41% do sexo feminino.

Instrumentos

Foram utilizados para este estudo o *Coping Response Inventory-Y* (CRI-Y) e a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP)-versão preliminar. O CRI – Y de Moos (1993) visa medir os esforços cognitivos e comportamentais dos indivíduos no enfrentamento a problemas.

O Inventário de Respostas de *Coping* - forma jovem (CRI-Youth) avalia tipos diferentes de respostas de *coping* às circunstâncias estressantes de vida. Estas respostas são medidas por oito escalas: análise lógica, reavaliação positiva busca de orientação e apoio, solução de problemas, avaliação cognitiva, aceitação ou resignação, busca de gratificação alternativa e descarga emocional . O primeiro grupo de quatro escalas mede o *coping* de aproximação ao problema ou enfrentamento direto (análise lógica, reavaliação positiva, busca de orientação e apoio e resolução de problemas); o segundo grupo de quatro escalas (evitação cognitiva, aceitação-resignação, busca de gratificação alternativa e descarga emocional) mede o *coping* de evitação ao problema ou enfrentamento indireto. As duas primeiras escalas em cada grupo mede estratégias de *coping* cognitivas; a terceira e quarta escalas em cada grupo mede estratégias de *coping* comportamental (Moos, 1993).

O CRI-Y (Moos, 1993) foi traduzido e validado para o português. A versão resultante em português foi submetida a backtranslation e conta com a aprovação dos autores e editores do instrumento. O instrumento original apresenta uma qualidade psicométrica satisfatória e concordante com a da versão original do instrumento, com *alphas* de *Cronbach* variando entre 0,45 e 0,79 na escala para meninos e 0,50 e 0,79 na escala para meninas.

A Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) de Nunes e colaboradores (2007) está sendo desenvolvida pelo Laboratório de Psicologia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) encontrando-se em fase de validação. Consta de um

questionário com 167 perguntas que devem ser respondidas levando-se em conta o quanto o sujeito considera que uma resposta é adequada a ele ou não em uma escala de 1 a 7. Foram realizadas análises fatoriais exploratórias para a extração dos fatores e a identificação dos itens mais representativos para os mesmos e para as suas facetas. Para a seleção dos itens, foi considerada a sua carga fatorial bem como a sua interpretabilidade no fator onde foi alocado. Itens com cargas fatoriais inferiores a 0,30 em todos os fatores ou que apresentavam cargas superiores a esse valor em mais de um fator foram eliminados. O fator Neuroticismo apresenta *alpha* de 0,89; a Extroversão apresentou *alpha* de 0,84; a Socialização *alpha* de 0,84; a Realização *alpha* de 0,82 e a Abertura para experiências *alpha* de 0,71 (Nunes, 2007).

Procedimento

Foi realizado um contato prévio com a Secretaria Municipal de Educação, solicitando autorização para a realização do estudo em uma das escolas credenciadas. Após a leitura do projeto de pesquisa, anteriormente aprovado pelo CONEP sob o protocolo número 0066.0.168.000-07, a secretaria forneceu a autorização e fez a indicação do melhor local para aplicação dos questionários, levando em conta os critérios de idade e grau de escolarização dos participantes. Na escola indicada, o projeto foi exposto à diretoria e ao corpo docente, com o objetivo de auxiliarem na explicação dos procedimentos e objetivos aos alunos e pais que eventualmente procurassem a escola. Os alunos foram convidados a participar do estudo, tendo em mãos uma carta-convite (que explicava a intenção do projeto, os procedimentos e a necessidade da colaboração dos mesmos), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um documento informativo sobre a questão do anonimato resguardado dos participantes, assim como a possibilidade de retirada do consentimento a qualquer momento do processo sem nenhum dano para os mesmos. Também foi oferecida a possibilidade de maiores explicações acerca do estudo em

andamento, a qualquer momento, através do contato disponibilizado com o pesquisador responsável.

Para este estudo foram realizados dois encontros, de aproximadamente 120 minutos, com os grupos participantes. No primeiro encontro ocorreu a aplicação da Bateria Fatorial de Personalidade - BFP. No segundo encontro realizou-se a aplicação do *Coping Responses Inventory-Youth Form* - CRI-Y.

Resultados

Para avaliar a existência de diferenças nos traços de personalidade e respostas de *coping* segundo o sexo foi realizada uma análise de comparação de médias por meio da análise de variância - ANOVA.

Tabela 1 - Comparação de médias entre perfil psicológico e respostas de *coping*

Variável	Sexo			
	Masculino	Feminino	F	P <
	(N=61)	(N=41)		
	m (DP)	m (DP)		
Personalidade				
Neuroticismo	78,25(19,61)	73,69(27,30)	0,457	0,558
Extroversão	71,36(17,75)	78,35(15,27)	3,245	0,075
Socialização	30,94(25,21)	23,10(21,97)	2,188	0,142
Realização	34,96(24,91)	36,84(28,87)	0,183	0,670
Abertura	37,69(25,51)	43,47(28,50)	0,808	0,371
Estratégia de <i>coping</i>				
Análise lógica	11,72(4,89)	12,45(6,35)	0,218	0,642
Reavaliação positiva	12,93(5,00)	13,97(5,96)	0,496	0,483
Busca de apoio	10,47(6,01)	11,05(6,15)	0,070	0,793
Resolução de problemas	12,93(5,18)	13,32(5,75)	0,138	0,711
Evitação cognitiva	12,87(4,82)	14,42(5,16)	2,005	0,160
Aceitação/resignação	11,07(4,85)	12,19(5,48)	0,844	0,361
Busca de gratificação alternativa	12,78(4,81)	14,92(5,27)	3,621	0,060
Descarga emocional	10,29(5,72)	11,45(5,27)	0,765	0,384

A tabela 1 apresenta a comparação das médias obtidas ao analisar cada um dos traços de personalidade referenciados no modelo dos Cinco Grandes Fatores e as estratégias de *coping* de acordo com a variável sexo. Conforme os dados demonstram, não existem diferenças significativas por sexo no perfil psicológico, assim como não houve diferenças significativas no uso da maioria das estratégias de *coping* entre os adolescentes estudados.

Para avaliar a diferença nos traços de personalidade e uso de estratégias de *coping* segundo a idade foi realizado um teste de ANOVA. A tabela 2 apresenta os dados desta análise.

Tabela 2: Representação da análise do perfil psicológico e estratégias de *coping* em relação à idade

Variável	Idade	11-12	13	14-15	F	P <
		(N=39)	(N=39)	(N=24)		
		m	m	m		
		(DP)	(DP)	(DP)		
Neuroticismo		80,21 (20,56)	72,71 (25,84)	78,21 (20,00)	1,123	0,329
Extroversão		71,85 (14,39)	75,48 (19,80)	74,56 (16,49)	0,425	0,655
Socialização		19,76 (17,91)	35,78 (28,10)	29,48 (23,39)	4,297	0,016
Realização		34,19 (25,37)	34,19 (24,15)	43,77 (31,31)	1,299	0,278
Abertura		31,25 (21,66)	41,40 (27,70)	50,99 (28,59)	4,397	0,015
Análise lógica		10,67 (5,19)	12,74 (5,92)	12,61 (5,22)	1,416	0,248
Reavaliação positiva		13,45 (5,40)	13,11 (5,72)	13,17 (4,89)	0,038	0,963
Busca de apoio		9,70 (5,71)	10,09 (6,31)	12,63 (5,68)	1,908	0,154
Resolução de problemas		12,58 (5,47)	12,53 (5,47)	14,63 (5,21)	1,300	0,278
Evitação cognitiva		14,00 (4,83)	12,97 (5,22)	13,54 (5,11)	0,348	0,707
Aceitação/resignação		10,38 (5,00)	11,49 (5,03)	12,92 (5,27)	1,713	0,186
Busca gratificação alternativa		15,39 (4,60)	11,49 (5,07)	14,21 (4,80)	5,802	0,004
Emocional de Descarga		11,06 (5,99)	10,29 (5,57)	10,83 (5,04)	0,171	0,843

Nota: as diferenças significativas entre médias estão representadas pelos subíndices.

A tabela 2 contém a análise do perfil psicológico e estratégias de *coping* em relação à idade. O teste ANOVA indica nível de significância para os fatores socialização ($p=0,016$; $F=4,297$) e abertura ($p=0,015$; $F=4,397$) na faixa etária pesquisada. A análise demonstra que o grupo de sujeitos de 11-12 anos apresentam socialização significativamente maior em relação ao grupo de 13 anos e também abertura, comparando-o com o grupo de 14-15 anos. A tabela 2 mostra também que dentre as estratégias de *coping*, os adolescentes utilizaram significativamente a busca de gratificação alternativa. A prova de *post hoc* indicou que os jovens de 11-12 anos utilizam significativamente mais esta estratégia do que os de 13 anos.

Para avaliar a relação entre traços de personalidade, a apreciação do problema e estratégias de *coping* foi realizado um estudo correlacional mediante a técnica de Pearson entre fatores de personalidade, as perguntas de apreciação do problema (Pensou como um desafio? Foi causado por você? Foi causado por outra pessoa? Aconteceu algo de bom? Está tudo bem com você?) e as estratégias de *coping*. A tabela 3 apresenta os dados das correlações com níveis de significação inferior a 0.05.

Tabela 3: Correlação entre apreciação do problema, perfil psicológico e respostas de *coping*

	<i>Coping</i>	A.L.	R. P.	B.A.	R.P.	A/R	B.G.A.	D.E.
Variáveis								
Percepção do problema								
Pensou como um desafio?		0,349**		0,223*	0,234*	0,215*		
Foi causado por você?				0,216*	0,231*			
Foi causado por outra pessoa?			0,258*	0,349**			0,254*	0,360**
Aconteceu algo de bom?		0,307**			0,250*			
Está tudo bem com você?					0,230*			
Perfil Psicológico								
Neuroticismo		0,256*						0,429**
Extroversão		0,247**						
Realização					0,214*			
Abertura		0,306**			0,212*			0,280**

Nota: Os nomes abreviados das variáveis referem-se às estratégias de *coping* (análise lógica, reavaliação positiva, busca de apoio, resolução de problemas, aceitação/resignação, busca de gratificação alternativa e descarga emocional)

* Significativo no nível de 0,05 ** Significativo no nível de 0,01

A tabela 3 demonstra as correlações significativas encontradas entre traços de personalidade, respostas de *coping* e apreciação do problema.

A apreciação do problema influenciou a escolha das seguintes estratégias: aqueles que pensaram o problema como desafio utilizaram mais análise lógica ($r=0,349$); busca de apoio ($r=0,223$); resolução de problemas ($r=0,234$) e aceitação/resignação ($r=0,215$). Aqueles que entenderam o problema causado por si mesmos utilizaram mais busca de apoio ($r=0,216$) e resolução de problemas ($r=0,231$). Os jovens que acreditaram que o problema foi causado por outra pessoa utilizaram mais reavaliação positiva ($r=0,258$); busca de apoio ($r=0,349$); busca de gratificação alternativa ($r=0,254$) e descarga emocional ($r=0,360$). Os que acreditaram que aconteceu algo bom ao enfrentar a situação utilizaram mais análise lógica ($r=0,307$) e

resolução de problemas ($r=0,250$). Por fim, os jovens que consideram que o problema foi resolvido e que está tudo bem utilizaram mais a resolução de problemas ($r=0,230$).

O perfil psicológico influenciou significativamente na escolha das estratégias: análise lógica (com $r=0,256$ e $p=0,16$, $r=0,247$ e $p=0,26$ e $r=0,306$ e $p=0,004$ para neuroticismo, extroversão e abertura respectivamente), resolução de problemas (com $r=0,214$ e $p=0,49$ e $r=0,212$ e $p=0,44$ para realização e abertura respectivamente) e descarga emocional (com $r=0,429$ e $p=0,000$ e $r=0,280$ e $p=0,007$ para neuroticismo e abertura respectivamente).

Discussão

O objetivo geral deste estudo foi investigar a correlação entre personalidade e estratégias de *coping* em adolescentes. Mais especificamente, a correlação entre traços de personalidade, *locus* de controle e apreciação do problema.

A avaliação dos traços de personalidade não apresentou diferenças significativas entre meninos e meninas. As análises estatísticas indicaram, contudo, que os adolescentes mais jovens apresentam maior pontuação nos traços socialização e abertura que os demais. Esta diferença pode se dar em função de distintos perfis de personalidade dos próprios indivíduos envolvidos na pesquisa ou pode estar representando também uma característica diferencial segundo o grupo de idade. Novos estudos seriam necessários para avaliar essa questão, sobretudo pesquisas com desenhos longitudinais e amostras mais amplas.

Nurmi (1993) cita que o desenvolvimento alcançado durante a adolescência sofre influências pessoais, familiares e sociais e que a conduta do indivíduo passa a ancorar-se muito mais em crenças e valores próprios. Os trabalhos de Sun (2007) e Seiffge-Krenke (2008) também apontam para o amadurecimento pessoal influenciando novas condutas durante este período. No presente estudo tais dados foram confirmados na avaliação dos jovens de 14-15 anos, que apresentaram maior

pontuação nos traços de realização e abertura que todos os demais, assim como os mais jovens (11-12 anos) apresentaram mais traços de neuroticismo.

A análise do uso de estratégias de *coping* não revelou diferenças significativas referentes ao sexo no grupo estudado, embora, no geral, as meninas tenham demonstrado utilizar mais as estratégias de *coping* que os meninos. Eschenbeck (2007), Kochenderfer-Ladd (2002) citam também estes mesmos resultados e sugerem que este fato talvez seja decorrente da forma de socialização diferenciada entre os gêneros. Meninos são incentivados a serem mais independentes de que meninas, buscando menos ajuda na resolução de seus problemas. Por outro lado, este pode ser também um fator indicativo de maior maturidade psicológica do sexo feminino nesta faixa etária, conforme relata Sans (2005).

Com relação à variável idade, foram obtidos dados relevantes como os que demonstram que os jovens de 11-12 anos utilizaram significativamente mais busca de gratificação alternativa que os demais, fato que pode ser justificado pelo menor nível de desenvolvimento psicológico e emocional.

Ozella (2008) demonstrou que o adolescente reflete sobre seus problemas e sobre como solucioná-los. O presente estudo, em consonância com este autor, revelou também que a avaliação que o jovem faz a respeito dos eventos adversos influencia na escolha de estratégias de enfrentamento. A análise estatística da apreciação do problema, embasada nas questões propostas no CRI-Y (Moos, 1993), demonstrou correlação com sete das oito estratégias de *coping* descritas. Desta correlação, destacam-se: a) avaliar o problema como um desafio (foram significativas a análise lógica, busca de apoio, resolução de problemas e aceitação/resignação) e b) se o problema foi causado por outra pessoa (foram significativas reavaliação positiva, busca de apoio, busca por gratificação alternativa e descarga emocional). As demais perguntas tiveram correlação com número menor de estratégias.

A análise estatística demonstrou que quando se avalia a Teoria do *Locus* de Controle (Lazarus, 1984), se o evento é entendido como provocado por outra pessoa

(*locus* de controle externo) o adolescente utiliza significativamente mais a reavaliação positiva, busca de gratificação alternativa e descarga emocional. Segundo Zanini (2004) a utilização de estratégias de evitação ou aquelas com foco na emoção pode ser um indicativo de sofrimento psicológico, uma vez que o jovem não dispôs de recursos eficientes para a resolução da situação problema. Em contrapartida, estratégias como a reavaliação positiva demonstram o movimento em direção a administração do evento estressante.

A busca de apoio foi significativamente utilizada nas duas situações (*locus* de controle interno e externo). Lazarus (1984) explica que a percepção do *locus* de controle está muito relacionada com as crenças individuais. Com base nesta relação, infere-se que o adolescente busca ajuda quando percebe que a situação extrapola seus recursos pessoais e começa a sentir-se improdutivo na gerência do evento.

Os dados encontrados demonstraram ainda que a personalidade dos jovens estudados exerce influência relativa na eleição de estratégias de *coping*. Dentre as oito respostas avaliadas, os traços de personalidade indicaram correlação positiva com análise lógica, resolução de problemas e descarga emocional, sendo que as primeiras são de aproximação e apenas a descarga emocional compõe o repertório de estratégias de evitação. Infere-se a partir destas informações, que os traços de personalidade da amostra pesquisada influenciam positivamente a busca por solução do evento estressante. Este fato é de grande interesse para intervenções clínicas voltadas para o desenvolvimento de estratégias de *coping*, uma vez que já existe no adolescente certa prontidão psicológica para buscar alívio emocional e psíquico das situações adversas.

Explorar estas características pode favorecer o estabelecimento de uma comunicação eficiente com o jovem, auxiliando-o a perceber quais são os recursos de que dispõe, aqueles que são mais adequados à situação presente e como fazer o uso mais apropriado destes, alcançando o maior benefício possível.

Um fato que merece destaque refere-se ao perfil abertura. Segundo os dados deste estudo, o traço correlacionou-se positivamente com três das quatro estratégias de aproximação. Hutz (1998) explica que este traço “engloba características como flexibilidade de pensamento, fantasia, imaginação, abertura para novas experiências e interesses culturais” (Hutz, 1998, p.2). Supõe-se então que os fatores abertura, extroversão e realização, em conjunto no perfil psicológico, favoreçam muito ao jovem obter mais suporte e apoio social na administração de problemas por não manter uma postura rígida ou de esquiva, mas ao contrário, estando receptivo a novas idéias e informações que o beneficiem. Assim, tais características colocam a seu favor recursos importantes para a administração da situação estressante e conseqüente manutenção da saúde psicológica. O jovem mais aberto e flexível obtém mais sucesso na gerência de situações adversas, conta com maior apoio por parte da família, tem maior reconhecimento junto ao grupo de pares, além de receber com mais freqüência auxílio de terceiros (Ozella, 2008).

Outra correlação que merece atenção é entre o traço realização e a estratégia resolução de problemas. Neste caso, a proposição que se faz para justificá-la é que o indivíduo possua um tipo de personalidade mais independente, dirigido para a administração dos fatores estressores e que tal situação deve ser percebida por ele como um tipo de conquista.

A cultura na qual o jovem está inserido é outro fator que exerce grande influencia sobre sua personalidade e sobre sua forma de lidar com adversidades (Kuo, 2006). Por esta razão, o desenvolvimento de instrumentos de medida de *coping* específicos para a população brasileira, assim como o tratamento dos dados e elaboração de uma teoria que apreenda os aspectos sociais característicos desta cultura são tão necessários e urgentes.

Até o momento, a literatura disponível em bancos de dados como Scielo, Psycinfo ou portal Domínio Público, não traz muitas referências às características próprias de cada fase desta faixa etária, embora cite as mudanças progressivas de

comportamento do adolescente assim como a internalização de estratégias mais elaboradas à medida que o jovem amadurece (Compas, 2007; Seiffge-Krenke, 2008; Eschenbeck, 2007). Este fato justifica também a necessidade de estudos longitudinais que possibilitem traçar perfis mais concisos, que sirvam como base para o desenvolvimento de estratégias clínicas.

São ainda pouco numerosas as pesquisas envolvendo aspectos da personalidade associados ao comportamento de crianças e adolescentes. Os quadros patológicos que os acometem, ao contrário, possuem amplos estudos que favorecem a intervenção profissional bem sucedida, entretanto, aspectos mais sutis como os citados, que guardam informações de prevenção muito valiosas a serem utilizadas a seu favor, carecem de maior atenção e exploração por parte dos pesquisadores. Tais aspectos são de grande valia para o desenvolvimento de programas preventivos voltados para a população de crianças e adolescentes e que envolvem maior participação da comunidade, da escola e principalmente, da família. Prevenir o comportamento e os hábitos pouco saudáveis que têm início na juventude resulta em qualidade de vida e saúde na fase adulta.

Conhecer o fato de que o adolescente goiano lida melhor com as situações estressantes quando reflete sobre elas e que sua personalidade tem menor influência sobre suas decisões do que era postulado, colabora bastante para traçar novas linhas de pesquisa, novas propostas de cuidado e atenção e novas condutas terapêuticas. Este aspecto favorece também uma visão mais criteriosa sobre o jovem e sua forma de expressão.

Os resultados obtidos neste estudo reafirmam a necessidade de ampliar a pesquisa acerca das estratégias de *coping* na adolescência e sua relação com a personalidade. Contudo os dados aqui apresentados devem ser tomados com precaução, pois se baseiam em um desenho transversal. Para análise da influência da personalidade sobre as estratégias de *coping* um estudo longitudinal seria mais apropriado, entretanto, dificuldades metodológicas impediram o desenvolvimento

deste tipo de estrutura. Além disso, os estudos futuros devem analisar esses fatores em uma população maior, confirmando a solidez das pesquisas preliminares.

REFERÊNCIAS

- Aggleton, P. (2001) Trabalhando com jovens: implicações para a pesquisa e a organização de programas. *Adolescência Latinoamericana*, 2, 138-147.
- Allport, G. W. (1973). *Personalidade - Padrões e desenvolvimento*. São Paulo: EPU. 4ª reimpressão.
- American Psychiatric Association. (2006). *Manual de estilo da APA - Regras básicas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Antoniuzzi, A. S., Dell'Áglio, D. D. & Bandeira, D.R. (1998). O conceito de *coping*: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294.
- Assumpção Jr, F. B. (2003). *Tratado de psiquiatria da infância e adolescência*. São Paulo: Editora Atheneu.
- Avanci, J. Q. Assis, S.G., Santos, N.S. & Oliveira, R.V.C. (2005) . Escala de violência psicológica contra adolescentes. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, 39, 5, 702-708
- Bee, H. (1996). *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas. 7ª ed.
- Bee, H. (1997). *O Ciclo Vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bianculli, C. H. (1997). Realidade e propostas para absorver e conter a transição adolescente em nosso meio. *Adolescência Latinoamericana*, 1, 1, 31-39.
- Boekaerts, M. (1996). Coping with stress in childhood and adolescence. In M. Zeidner & N. S. Endler (Eds), *Handbook of coping, theory, research, applications*. New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons, Inc.
- Boo, G. M. & Wicherts, J. M. (2007). Assessing cognitive and behavioral coping strategies in children. *Journal Cognitive Therapy and Research*. Disponível em <http://www.springerlink.com/content/rm64411358433415/>.
- Câmara, S. G., Sarriera, J. C. & Carlotto, M. S. (2007) Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares. *Estudos de Psicologia*, 12(3), 213-219.

- Cattell, R. B. (1975). *Análise científica da personalidade*. São Paulo: IBRASA.
- Cattell, R. B., Saunders, D., R., & Stice, G. F. (1950). *The 16 personality factor questionnaire*. Institute for Personality and Ability Testing.
- Coates, V. (1997). Transformações na família no transcorrer da adolescência dos filhos. *Adolescência Latinoamericana*, 1, (1), 40-46.
- Compas B. E., Connor-Smith J. K., Saltzman H., Thomsen, A. H. & Wadsworth, M. E. (2001). Coping with stress during childhood and adolescence: problems, progress and potential in theory and research. *Psychological Bulletin*, 127, (1), 87-127.
- Connor-Smith, J. K. & Flachsbart, C. (2007). Relations between personality and coping: a meta-analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93, (6), 1080-1107.
- Dell'Aglio, D. D. & Deretti. L. (2005). Estratégias de *coping* em situações de violência no desenvolvimento de crianças e adolescentes. In Hutz, C. S. *Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dell'Aglio, D. D. & Hutz, C. S. (2002). Estratégias de *coping* de crianças e adolescentes em eventos estressantes com pares e com adultos. *Psicologia USP*, 13, (2), 203-225.
- Dell'Aglio, D. D. & Hutz, C. S. (2002). Estratégias de *coping* e estilo atribucional de crianças em eventos estressantes. *Estudos de Psicologia*, 7(1), 5-13.
- Dell'Aglio, D. D. (2003). O processo de *coping* em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento. *Temas em Psicologia*, 11, (1), 38-45
- De Young, C.G., Quilty, L.C., & Peterson, J.B. (2007). Between facets and domains: 10 aspects of the Big Five. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93, (5), 880-896.
- Eschenbeck, H. Kohlmann, C.W. , Lohaus, A. (2007). Gender differences in coping strategies in children and adolescents. *Journal of Individual Differences*, 28(1):18-26.
- Estatuto da Criança e do Adolescente. (2000). Goiânia: Papillon Gráfica e Editora.
- Fadiman, J. (1986). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra.

- Freud, S. (1998). *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, CD-Rom.
- Friedman, H. S. & Schustack, M. W. (2004). *Teorias da Personalidade: da teoria clássica à pesquisa moderna*. São Paulo: Prentice Hall.
- Goldberg, L. R. (1981). Language and individual differences: The search for universals in personality lexicons. *Reviews of Personality and Social Psychology*, 44, 329-344.
- Grossman, E. (1998). A adolescência através dos tempos. *Adolescência Latinoamericana*, 1,(2),68-74.
- Guyton, A. (2000). *Tratado de Fisiologia Médica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 10ª ed.
- Hall, C. S. (2000). *Teorias da personalidade*. Porto Alegre: Artmed.
- Holgado-Tello, F. P., Carrasco-Ortiz, M. A., Barrio-Gándara, M. V. & Chacón-Moscoso, S. (2009). Factor analysis of the Big Five questionnaire using polychoric correlations in children. *Quality and Quantity*, 43, 1, 75-85.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Anton, M. & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 2, 395-411.
- Joshanloo, M & Nosratabadi, M (2009). Levels of Mental Health Continuum and Personality Traits. *Social Indicators Research*, 90, 2, 211-224.
- Kochenderfer-Ladd, B., Skinner, K. (2002). Children's coping strategies: moderators of the effects of peer victimization? *Developmental Psychology*, 38, 2, 267-278.
- Kuo, B.C.H. , Roysircar, G. & Newby-Clark, I. R. (2006). Development of the Cross-Cultural Coping Scale: collective, avoidance, and engagement coping. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*. Disponível em http://www.accessmylibrary.com/coms2/summary_0286-34195007_ITM.
- Lazarus, R. S.(1984). *Personalidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 6ª ed.
- Lazarus, R. S.(1984). *Stress, Appraisal and Coping*. New York: Springer.

- Leeuwen, K. V. (2004). A longitudinal study of the utility of the resilient, overcontrolled, and undercontrolled personality types as predictors of children's and adolescents' problem behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 28, (3), 210-220.
- Lewin, K. (1975). *Teoria dinâmica da personalidade*. São Paulo: Cultrix.
- Lima, M. P. & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco factores: uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação do caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, 2, (18), 171-179.
- Lisboa, C., Koller, S. H., Ribas, F. F., Bitencourt, K., Oliveira, L., Porciuncula, L. P., & De Marchi, R. B. (2002). Estratégias de *coping* de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 15, (2), 345-362.
- Lynam, D. R., Caspi, A., Moffitt, T. E., Raine, A., Loeber, R., Stouthamer-Loeber, M. (2005). Adolescent psychopathy and the Big Five: results from two samples. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33 (4), 431-443.
- Marcelli, D. (2007). *Adolescência e Psicopatologia*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- Marques, A. C. & Cruz, M. S. (2000). O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22,(2),32-36.
- Martins, M. C. A. (2004). Acção da personalidade na saúde: contributos para a qualidade de vida. *Revista do ISPV*, 30. (1), 202-208
- Moos, R. H. (1993). *Coping Response Inventory Youth form – professional manual*. Odessa: PAR Psychological Assessment Resources.
- Moreira, T. M. M., Viana, D. S., Queiroz, M. V. O. & Jorge, M. S. B. (2008). Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 42(2), 312-20.
- Mussen, P. H. (1977). *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo: Harbra. 4ª ed.
- Nunes, C. H. S. S. (no prelo). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) - Manual técnico*. Itatiba, SP: Casa do Psicólogo.

- Nurmi, J. E. (1993). Adolescent Development in an Age-graded Context: The Role of Personal Beliefs, Goals, and Strategies in the Tackling of Developmental Tasks and Standards. *International Journal of Behavioral Development*, 16, (2), 169 - 189.
- Ozella, S. & Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38, (133), 97-126.
- Pfromm Netto, S. (1976). *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Pioneira, 1976. 5ª ed.
- Piaget, J. (1977). *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Editora Mestre Jou. 8ª ed.
- Raimundo, R. C. P. & Pinto, M. A. P. M. (2006). Stress e estratégias de *coping* em crianças e adolescentes em contexto escolar. *Aletheia*, 24, 09-19.
- Reppold, C. T. & Hutz, C. S. (2008). Investigação psicodiagnóstica de adolescentes: Encaminhamentos, queixas e instrumentos utilizados em clínicas-escolas. *Avaliação Psicológica*, 7, (1), 85-91.
- Roccas, S., Sagiv, L., Schwartz, S. H., Knafo, A. (2002). The big five personality factors and personal values. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 789-801.
- Rodriguez, C. F. & Kovács, M. J. (2005). O que os jovens têm a dizer sobre as altas taxas de mortalidade na adolescência?. *Imaginário*, 11, (11), 111-136.
- Ruzany, M. H. & Scwarcwald, C. L. (2000). Oportunidades perdidas de atenção integral ao adolescente: resultados do estudo-piloto. *Adolescência Latinoamericana*, 2, (1), 26-35.
- Sans, J. C. (2005). El impacto de la pubertad sobre el desarrollo del adolescente. In E. Domènech-Llaberia (Ed.), *Actualizaciones en psicología y psicopatología de la adolescencia*. (pp. 39-52). Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Saucier, G. (2002). Orthogonal markers for orthogonal factors: the case of the Big Five. *Journal of research in personality*, 36, (1), 1-31.

Saucier, G. (2003). An alternative multi-language structure for personality attributes. *European Journal of Personality*, 17, (3), 179-205.

Savoia, M. G., Santana, P. & Mejias, N. P. (1999). Escalas de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (*coping*). *Revista de Psiquiatria Clínica*, 26 (2), 2 – 9.

Schoen-Ferreira, T. H., Silva, D. A., Farias, M. A. & Silves, E. F. M. (2002). Perfil e principais queixas dos clientes encaminhados ao centro de atendimento e apoio psicológico ao adolescente (CAAA)-UNIFESP/EPM. *Psicologia em Estudo*, 7, (2), 73-82.

Schultz, D. P. (1981). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 1981.

Seidl, E. M. F., Tróccoli, B. T. & Zannon, C. M. L. C. (2001). Análise factorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17 (3), 225 – 234.

Seiffge-Krenke, I., Aunola, K. & Nurmi, J. E. (2008). Changes in stress perception and coping during adolescence: the role of situational and personal factors. *Society for Research in Child Development*. Disponível em http://www.srcd.org/index.php?option=com_content&task=view&id=247&Itemid=510.

Silber, T. J. & Souza, R. P. (1998). Uso e abuso de drogas na adolescência: o que se deve saber e o que se pode fazer. *Adolescência Latinoamericana*, 1, (3), 148-162.

Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do adolescente - Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 3ª ed.

Straub, R. O. (2005). *Psicologia da saúde*. Porto Alegre: Artmed.

Sun, J. & Stewart, D. (2007). Age and gender effects on resilience in children and adolescents. *International Journal of Mental Health Promotion*, 9,(4), 16-25.

Tani, F., Greenman, P. S., Schneider, B. H. & Fregoso, M. (2003). Bullying and the Big Five. A Study of Childhood Personality and Participant Roles in Bullying Incidents. *School Psychology International*, 24(2), 131–146.

Tiba, I. (1986). *Puberdade e adolescência: Desenvolvimento Biopsicossocial*. São Paulo: Ágora.

Van der Aa, N., Overbeek, G., Engels, R.C.M.E., Scholte, R.H.J., Meerkerk, G.J., & Van den Eijnden, R.J.J.M. (2008). Daily and Compulsive Internet Use and Well-Being in Adolescence: A Diathesis-Stress Model Based on Big Five Personality Traits. *Journal of Youth and Adolescence*, 1573-6601 (Online), disponível em <http://www.springerlink.com/content/w427265805606377/>.

Wadsworth, M. E., Raviv, T., Compas, B. E. & Connor-Smith, J. K. (2005). Parent and Adolescent Responses to Poverty-Related Stress: Tests of Mediated and Moderated Coping Models. *Journal of Child and Family Studies*, 14, (2), 283–298.

Williams, P. G., Holmbeck, G. N., & Neff, R. (2002). Adolescent Health Psychology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70, (3), 828-842.

Wood, R. & Roberts, B. W. (2006). The effect of age and role information on expectations for big five personality traits. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, (11), 1482-1496.

Zanini, D. S. (2003). *Coping: influencia de la personalidad y repercusiones en la salud mental de los adolescentes*. Tese de Doutorado. Departamento de Personalidad, Evaluación y Tratamiento Psicológico. Universidad de Barcelona, Barcelona, Espanha.

Zanini, D. S. & Forns, M. (2004). *Coping y psicopatología: comparación entre adolescentes de la muestra general y sub-clínica*. *Psiquiatria.com*, 8(2).Disponível em <http://www.psiquiatria.com/psiquiatria/revista/130/15324/?++interactivo>.

ANEXOS

Universidade Católica de Goiás.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você esta sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa de mestrado em Psicologia que tem como objetivo, buscar o aprimoramento de conhecimentos a respeito da relação entre as estratégias de enfrentamento à problemas (*coping*) e os traços de personalidade do adolescente. Busca, ainda, informações básicas por meio de um levantamento qualitativo e quantitativo que possa colaborar para o entendimento científico desta correlação e, conseqüentemente, permitir ampliar a qualidade de vida do adolescente bem como de seus familiares e pares.

Após os esclarecimentos e as informações a respeito deste trabalho, caso aceite fazer parte deste estudo assine ao final do documento, que contém duas vias. Uma destas vias é sua, a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa, sinta-se à vontade em não participar, não sendo por isto, responsabilizado ou penalizado em hipótese alguma. A qualquer momento, caso haja dúvidas, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás, através do telefone: 3946-1511.

Informações sobre a Pesquisa:

Titulo do Projeto: **A influência dos traços de personalidade na escolha de estratégias de coping em adolescentes.**

Pesquisador Responsável: Esp. Simon Santana Diniz – CRP 0277/ 9ª Região.

Telefones para contato: 3942-3376 / 9915-7626

Orientador de Pesquisa: Professora Dra.Daniela Sacramento Zanini – CRP 3695 9ª. Região

Telefones para contato: 9984-1664 / 3215-8267

O pesquisador adotará o seguinte procedimento: A aplicação das escalas, onde serão utilizados o BFP e o CRI-Y. Este material também será reservado ao pesquisador e descartado após o procedimento de análise.

Durante todo o processo você será acompanhado pelo pesquisador e pelo orientador da pesquisa, estando à sua inteira disposição para o esclarecimento de dúvidas, que poderá ser realizado em qualquer tempo do curso da pesquisa, questionamentos pertinentes ao assunto estudado, à metodologia e aos procedimentos adotados e ainda qualquer auxílio profissional.

Será também informado da característica de sua participação, sendo previsto responder aos instrumentos como participante do grupo de estudo piloto ou do grupo de investigação principal.

Este trabalho não oferece, em nenhum momento, qualquer risco, prejuízo ou desconforto, podendo você desistir de sua colaboração a qualquer tempo, resguardando o direito de retirar seu consentimento sem qualquer penalidade e mantendo o sigilo de sua participação.

A pesquisa estará à disposição para publicação de resultados, artigos e documentos acadêmicos bem como apresentações em eventos e atividades científicas, mas garante o sigilo e assegura a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos nas entrevistas de maneira a não expô-lo (a). Nestas atividades, jamais serão divulgados nomes, características ou qualquer dado que permitam identificar-lhe como participante da pesquisa.

Agradecemos antecipadamente sua participação.

Consentimento de participação da pessoa como sujeito

Eu,.....

RG.....

Comprometo-me em participar do estudo **A influência dos traços de personalidade na escolha de estratégias de coping em adolescentes**, sobre o qual fui comunicado dos objetivos e interesses científicos desta pesquisa, tendo a liberdade de fazer perguntas a qualquer momento, sempre que houver dúvidas.

É também esclarecido que minha participação é voluntária podendo retirar-me do estudo a qualquer momento que desejar. Em nenhum momento terei meu nome publicado ou exposto por qualquer razão e caso seja necessário, será trocado como forma de manter minha privacidade.

Os pesquisadores se comprometem a manter em confidência toda e qualquer informação que possa identificar-me individualmente.

Goiânia, ____, _____ de 200__

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Testemunha (não ligada á equipe de pesquisadores)